

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS – CCT
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA

SUSANA HULLER

ALUNO SURDO, PROFESSOR DE MATEMÁTICA E INTÉRPRETE DE LIBRAS: O
ESTUDO DE UM CENÁRIO DA CULTURA SURDA.

JOINVILLE – SC

2013

SUSANA HULLER

**ALUNO SURDO, PROFESSOR DE MATEMÁTICA E INTÉRPRETE DE
LIBRAS: O ESTUDO DE UM CENÁRIO DA CULTURA SURDA.**

Trabalho de Graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Matemática do Centro de Ciências Tecnológicas, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Matemática.

Orientadora: Prof^a Dr^a Luciane Mulazani dos Santos

Coorientadora: Prof^a Esp. Mariane Rodrigues de Souza.

JOINVILLE – SC

2013

H913a

Huller, Susana

Aluno surdo, professor de Matemática e intérprete de LIBRAS: o estudo de um cenário da cultura surda./ Susana Huller. -- 2013.

75 p.: il

Bibliografia : f. 66 – 68

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)

Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Tecnológicas, Curso de Licenciatura em Matemática, Joinville, 2013.

Orientadora: Luciane Mulazani dos Santos

1. Surdos. 2. Intérprete. 3. História Oral. 4. Narrativas. 5. Educação Matemática. I. Santos, Luciane Mulazani. II. Universidade do Estado de Santa Catarina – Curso de Licenciatura em Matemática. III. Aluno surdo, professor de Matemática e intérprete de LIBRAS: o estudo de um cenário da cultura surda.

CDD: 70807051

SUSANA HULLER

**ALUNO SURDO, PROFESSOR DE MATEMÁTICA E INTÉRPRETE DE
LIBRAS: O ESTUDO DE UM CENÁRIO DA CULTURA SURDA.**

Trabalho de Graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Matemática do Centro de Ciências Tecnológicas, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Matemática.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____

Prof^a Dra. Luciane Mulazani dos Santos
DMAT UDESC

Coorientadora: _____

Prof^a Esp. Mariane Rodrigues de Souza
DFIS UDESC

Membro: _____

Prof. Ms. Valdir Damázio Júnior
DMAT UDESC

Membro: _____

Prof. Dr. Deonísio Schmitt
CEAD UDESC

Joinville, 28 de junho de 2013

Aos que desejam e lutam para um mundo melhor. Aos meus professores, aos que amo, aos que me amam e, primordialmente, aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

À minha família, João, Maria e Gabriela Huller, por estarem sempre a meu lado, apoiando e incentivando nos momentos mais tranquilos, complicados, felizes e tristes, também. Aos demais membr@s das famílias Huller e Duarte, ti@s, prim@s e a meus avós José e Paulina Huller, João Otaviano e Maria do Carmo Duarte;

Aos membros das famílias Andriolli e Siqueira Cavalcanti, Janete, José, Felipe, Guilherme e Gustavo.

Ao meu companheiro e comparsa Gustavo, que tem iluminado os meus dias com seus sorrisos e alegrias.

A [tod@s](#) @s professores que fizeram parte de minha formação, me ensinando, orientando, incentivando e sendo grandes exemplos de atuação profissional e de vida. Os do colégio Max Colin, onde cursei a escola primária; os do colégio Tufi Dippe, onde fiz o ensino médio; os do professores do CCT, (Centro de Ciências Tecnológicas), em particular aos professores do DMAT (Departamento de matemática).

Aos membros da banca avaliadora deste trabalho. Às minhas orientadoras, as professoras Luciane Mulazani e Mariane, que acreditaram em mim, me apoiando, incentivando durante todo o tempo deste trabalho. Aos professores Deonísio Schmit e Valdir Damázio Jr, por suas críticas e correções, que só corroboraram para a melhora deste e de futuros trabalhos.

Aos colaboradores deste projeto, o professor Edson, a aluna Amanda e a intérprete Kérolin, por terem dedicando sua atençã, tempo e pensamentos, sem eles este trabalho não teria sido realizado.

Aos [amig@s](#) que moram eternamente no meu coração: Jeane Aline Neves, Fábio Muriguchi e Maria Eliza Muriguchi; Gabriela Huller, Gustavo Cavalcanti e Rogério Silva Junior; Wen Lung Lai, Jorge Silva, Lilian Busse, Alexandre Lima, Sueli Lima, Romeu e Liane; Felipe Cavalcanti, Karoline de Mello, Daniel Rosa e Walter Ziebarth; Daniella Sgrott, Ana Hemb e Géssica Garvizú; Renata Petry, Rafael Nunes, Eloisa Andresen, Dinho Barcelar, Bruno Anzini, Camila Schmitz, Ana Araújo, Lennon Oliveira e Ludimila Castro.

Aos meus colegas de curso, em especial para: Fernanda Primieri, Olivia Ortiz, Aline Roessler, Tamara da Silveira, Tais Cristina Aleixo de Toledo, Veridiana Tomazi, Alexandre Orthey, Cristiane Olska, Cristiano Forster e Ivan Horbach; Aos colegas dos demais cursos: Thaise Pacheco Sedrez, Laíza Zaboli, Richard Borges, Diogo Medeiros, Camilla Heleno, Diego Buchinger, Alessandro Brückheimer e Marina Fouto.

A todos que vieram e se foram deixando saudades e lembranças boas.

Enfim, aos escritoræs, poetas, filósof@s, artistas, músicos, cineastas, podcasters, blogueir@s e toda a gama de gente, cujo os trabalhos chegaram até mim em forma de textos, livros, filmes, músicas, desenhos e todas as outras formas de arte, que proporcionaram momentos de descontração, diversão e reflexão (muitas vezes ao lado de pessoas muito estimadas!).

. UMA PEQUENA TEORIA .

As pessoas só observam as cores do dia no começo e no fim, mas, pra mim, está muito claro que o dia se funde através de uma multidão de matizes e emoções, a cada momento que passa. Uma só hora pode consistir de milhares de cores diferentes. Amarelos céreos, azuis borrifados de nuvens. Escuridões enevoadas. No meu ramo de atividade, faço questão de notá-los.

("a menina que roubava livros", p.10, Markus Zusak)

RESUMO

HULLER, Susana. **Aluno surdo, professor de Matemática e intérprete de LIBRAS**: o estudo de um cenário da cultura surda. 2013. 75 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Matemática – Universidade do Estado de Santa Catarina, Joinville, 2013.

Os processos de ensino e aprendizagem para alunos surdos do Ensino Regular são discutidos nesta pesquisa qualitativa, sob o ponto de vista da Educação Matemática. A História Oral é utilizada como metodologia para a realização de entrevistas com os principais integrantes do cenário que se quis construir a respeito da cultura surda: uma aluna surda, um professor de Matemática e uma intérprete de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Desta forma, são problematizados temas como: as diferenças entre a LIBRAS e a Língua Portuguesa, a comunicação com as crianças surdas, os alunos surdos e o processo de tradução e aprendizagem, diferença cultural entre surdos e ouvintes e a falta de preparo da escola e dos professores para trabalharem com alunos surdos. Além das entrevistas, foi realizado um estudo bibliográfico para esclarecer conceitos relacionados ao tema, cujo resultado é apresentado na forma de um glossário.

Palavras-chave: Surdos. Intérprete. História Oral. Narrativas. Educação Matemática.

ABSTRACT

The teaching and learning procedures of deaf students in the Basic Education are discussed in this qualitative research, from the Math Education point of view. Oral History is used as the methodology to perform the interviews with key members of the scene which was intended to be created in respect of the deaf culture: a deaf student, a Math teacher and a LIBRAS interpreter. In this context, are problematized themes like: Portuguese Language and LIBRAS differences, the communication with deaf children, the deaf students and the learning and translation process, hearer and deaf cultural contrast and school and teachers lack of training to labor with deaf students. Besides the interviews, a bibliographic study was conducted to shade a light on the related concepts, which result is presented as a glossary.

Key-words: Deafs. Interpreter. Oral History. Narrativa. Math Education.

Palavras-chave: Surdos. Intérprete. História Oral. Narrativas. Educação Matemática.

SUMARIO

1. MINHA TRAJETÓRIA E MOTIVAÇÕES ACERCA DO TEMA.....	12
2. SINAIS E VOZES DA ESCOLARIZAÇÃO DE SURDOS.....	17
2.1 Narrativa de um professor de Matemática.....	18
2.2 Narrativa de uma intérprete educacional.....	22
2.3 Narrativa de uma aluna surda.....	39
3. ESCLARECENDO CONCEITOS IMPORTANTES.....	43
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	60
5. MINHAS REFLEXÕES ACERCA DO TEMA.....	65
REFERÊNCIAS.....	68
APÊNDICE.....	70

1. MINHA TRAJETÓRIA E MOTIVAÇÕES ACERCA DO TEMA

Contarei aqui um pouco sobre mim e sobre as consequências de escolhas passadas que me trouxeram até esse momento quando você lê as palavras que juntas formarão meu trabalho de conclusão de curso.

Nasci e fui criada na cidade de Joinville em uma família de origens modestas. Cursei a escola básica em instituições públicas de administração municipal no Ensino Fundamental e estadual no Ensino Médio. Era uma aluna de notas boas sem me esforçar muito para obtê-las, acreditava ter certa aptidão para as disciplinas exatas, em especial para a Matemática. Porém, assim como acontece com muitas pessoas, ao concluir a formação básica, optei por trabalhar em vez de ingressar em uma universidade.

Trabalhei inicialmente em estabelecimentos comerciais, enfrentando o massacrante horário de *shopping center* e posteriormente como auxiliar administrativa em uma instituição que ministra cursos técnicos, mesma empresa em que minha mãe já trabalhava como auxiliar de serviços gerais. Nesta instituição, havia uma política de bolsa de estudos que dava 100% de desconto, em seus cursos, para funcionários e dependentes. Optei, então, por cursar técnico em informática, pois como citei anteriormente, acreditava ter aptidão para as exatas.

Assim o fiz. Antes mesmo de concluir o curso, troquei o então emprego por um estágio em uma *software-house*, empresa que produz *softwares* para computador. Desta forma, trabalhei como programadora por 6 anos até alcançar o topo da tabela salarial para um profissional sem formação superior. Decidi então encarar uma formação superior. Devido ao longo tempo longe da escola, me matriculei em um cursinho pré-vestibular, pois dificilmente seria aprovada no processo seletivo para o curso de sistema de informação na UDESC, que além de ser gratuito, é oferecido no período noturno, motivos de maior concorrência para aprovação.

Eu estava bastante insegura quanto ao sucesso no processo seletivo, então no momento da inscrição optei por um dos cursos de licenciaturas, que geralmente são menos concorridos. Na época acreditei que assim seria mais fácil de passar no vestibular e que depois, uma vez dentro da Universidade, poderia transferir o curso e

prosseguir minha formação na carreira tecnológica. O que eu não esperava era que os conhecimentos que ali me seriam apresentados me conquistariam de tal forma a ponto de eu me dedicar integralmente ao curso de licenciatura em Matemática culminando na troca de um emprego estável para atuar com bolsista na própria Universidade e como *freelancer* em alguns momentos.

Basicamente, o currículo do meu curso de licenciatura em Matemática ofertou-me duas categorias de disciplinas: as exatas e as voltadas para a carreira docente. As primeiras aprofundaram meus conhecimentos sobre a Matemática, o que para mim era - e ainda é - muito fascinante; enquanto que as outras me fizeram perceber que, ao contrário do que eu imaginava, a docência não é só para os que nascem com uma espécie de dom, com o qual acredito não ter nascido, mas para os que se dedicam a estudá-la a aprendê-la com dedicação e comprometimento. Além disso, estas disciplinas normalmente traziam discussões acerca de muitos aspectos de meu futuro campo de trabalho: as instituições de ensino.

Em certo momento de minha graduação, cursei uma disciplina, de caráter optativo, chamada Didática da Matemática. Por opção do professor regente, o foco foi o estudo das linhas de pesquisa em Educação Matemática no Brasil. A estratégia utilizada foi a divisão dos alunos da turma em duplas para pesquisarem e escreverem resenhas de dissertações e teses da área. Discutimos, em forma de seminário, uma das áreas que mais nos agradasse. Minha colega de classe, Olivia Ortiz, e eu optamos por estudar Educação Matemática inclusiva.

Nosso interesse por essa temática veio da não existência na grade curricular do nosso curso de uma disciplina que nos preparasse para a grande diversidade cultural que certamente encontraríamos nas escolas. Como a temática é bastante abrangente, optamos, naquela época, por focar na Educação Matemática para cegos, que foi a área para a qual encontramos maior produção nos programas de pós-graduação em Educação Matemática. Acredito que isso se deve à natureza mais visual da Matemática, surgindo a preocupação com a aquisição de conceitos matemáticos por pessoas com pouca ou sem acuidade visual.

Em outra ocasião cursei, em caráter de atividade complementar, a disciplina de LIBRAS¹, Língua Brasileira de Sinais, que passou a ser oferecida nos currículos

¹ Construí um glossário contendo uma breve explicação dos termos relevantes ao tema. Ver o conceito de Língua Brasileira de Sinais (p.52).

de turmas posteriores a minha. O curso foi ministrado por uma professora surda que conseguia se comunicar brilhantemente com um grupo de ouvintes que, em sua maioria, não sabia nem soletrar o seu nome em LIBRAS. Infelizmente, foi um curso de apenas 36 horas, continha somente uma pequena introdução da língua de sinais, insuficiente para aprender a me comunicar com ela, mas suficiente para despertar, em mim, uma admiração por aquela pessoa que utilizava expressões faciais e corporais que eu só tinha visto em peças de teatro, atividade pela qual sou apaixonada.

Seguindo esta linha, nos questionamos se algo mudou na perspectiva atual da educação inclusiva. Acredito que só conseguirei contemplar uma possível resposta quando obtiver mais conhecimento acerca desta perspectiva e de como ela está sendo aplicada na escola.

Mesmo com pouco conhecimento e pouca vivência sobre a realidade das pessoas surdas, surgiu em mim uma vontade de conhecer melhor e pesquisar esse mundo visual a que eles pertencem. Procurei a Escola Germano Timm, que é uma das escolas públicas que fornecem vagas para alunos surdos. Lá fui recebida de braços abertos pela assistente pedagógica que me forneceu uma lista com os horários e rotinas dos alunos surdos e de suas intérpretes.

Há três alunas surdas na escola e elas estudam no período matutino, no Ensino Médio, sendo que uma cursa o primeiro ano e outras duas, o segundo ano. No início do semestre, optei por acompanhar algumas aulas das duas turmas para conhecê-las e também as intérpretes que as acompanham. Como meu curso na Universidade é matutino, eu dispunha de apenas uma manhã por semana para este acompanhamento, o que inviabilizou a realização de um trabalho baseado apenas em observações ou aplicações de técnicas de ensino da Matemática.

Contudo, percebi que precisava deixar que as pessoas que vivenciam essa realidade, contassem sobre suas experiências. Por sugestão de minha orientadora, adotei a História Oral como metodologia de pesquisa para realizar três entrevistas, uma com uma aluna surda, outra com a intérprete de libras e a terceira com o professor de matemática, para a composição de um cenário para minhas reflexões.

É interessante citar que a área de pesquisa de minha orientadora, Luciane, é Educação Matemática, porém ela não tem trabalhos anteriores voltados para

educação de surdos. Mas, aceitou encarar o desafio junto comigo. Em busca de pessoas com mais vivência da educação de surdos, convidamos uma coorientadora que é a atual professora de LIBRAS na UDESC.

Durante o semestre, a Professora Mariane me convidou para um encontro da Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Língua Sinais (ACATILS). Neste evento, a maioria dos participantes, formada por intérprete de LIBRAS e surdos, possuía muito conhecimento da LIBRAS. Muitos deles eram Instrutores Educacionais.

Como meu conhecimento de LIBRAS ainda é muito básico eu me senti um pouco deslocada naquele ambiente, como se fosse uma estrangeira em meu próprio país. Embora essa tenha sido uma sensação passageira, pois as palestras foram interpretadas simultaneamente da Língua de Sinais para a língua portuguesa, me fez refletir sobre a realidade do surdo que frequenta ambientes nos quais tem dificuldades para se comunicar. É uma sensação de que, por mais que tenhamos muito conhecimento da nossa própria língua, pode acontecer de estarmos em lugares onde ninguém mais conheça esta língua. Ou, ainda, as pessoas podem até conhecer, mas optam por não utilizarem nos deixando deslocados.

Citei as minhas experiências anteriores com o intuito de ilustrar a minha crença de que somos todos frutos de nossas escolhas que, por mais separadas que possam acontecer em nossa trajetória de vida, geram consequências que nos trazem experiências que compõem o que somos hoje.

Acredito que muitas vezes a simples falta de informação nos faz cometer certas injustiças com as pessoas que são diferentes em determinados aspectos. O preconceito pode ser originado na simples falta de pensarmos e refletirmos sobre a situação do outro. Por isso, acredito que o respeito às diferenças é um primeiro passo para sociedade menos segregada no futuro e que a partir dele podemos desenvolver empatia para refletir mais sobre as consequências de nossas ações.

O objetivo deste trabalho é conhecer experiências de pessoas que vivem a realidade da educação de surdos, reunir e relacionar conceitos inerentes ao tema de modo a construir um cenário utilizando a metodologia da História Oral Temática para

divulgar essas informações a fim de inspirar principalmente meus colegas de cursos a realizarem novas pesquisas na área.

Desta forma, organizamos este trabalho da seguinte maneira: no capítulo 2, são apresentadas as entrevistas dos colaboradores da pesquisa, que serviram como fonte inspiradora para um maior aprofundamento acerca do tema, que permitiu a organização de termos e informações específicos na forma de um glossário, apresentado no capítulo 3. No capítulo 4, encontra-se o detalhamento dos processos metodológicos adotados nesta pesquisa e no capítulo 5 são apresentadas as minhas reflexões oriundas da pesquisa, além de algumas sugestões para trabalhos futuros.

2. SINAIS E VOZES DA ESCOLARIZAÇÃO DE SURDOS

Neste capítulo, apresentarei narrativas de pessoas que vivenciam a realidade do processo de escolarização de surdos. Estes relatos foram a mim confessados em entrevistas que realizei com uma aluna surda, com um professor de Matemática e com uma intérprete educacional.

Apresento essas narrativas segundo a minha percepção sobre o que considero como a profundidade das experiências surdas dos entrevistados: começo por quem tem menos contato com a realidade da surdez que, neste caso, é o professor de Matemática, partindo para a intérprete, que por opção escolheu conhecer e conviver com essa realidade, ficando por último o relato da experiência de ser surdo.

2.1 Narrativa de um professor de Matemática

Antes de ceder a vez à voz do professor, contarei um pouco sobre meu contato com ele. Conheci o Professor Edson na Escola Germano Timm, no primeiro dia em que fui observar as aulas. Coincidentemente, também eram suas primeiras aulas naquela escola. Simpatizei imediatamente com ele, pois é uma figura carismática. Em sua primeira aula nas turmas, aplicou desafios matemáticos e os alunos, em sua maioria, demonstraram interesse.

Em outra ocasião, presenciei uma situação interessante em uma das aulas para o primeiro ano. No início da aula, o professor cobrou um trabalho que havia passado na aula anterior como tarefa de casa. Somente a aluna surda trouxe o trabalho feito. Os demais protestaram alegando que o professor não havia mencionado a entrega da tarefa. O que chamou minha atenção foi que, na maioria dos cadernos, estava o enunciado da atividade, onde estava escrito que as questões deveriam ser resolvidas em folha separada para serem entregues ao professor, na aula seguinte, como atividade avaliativa.

Suas aulas seguiram um ritmo tranquilo, com cada coisa realizada em seu momento. Ele passava os conteúdos de forma resumida, mas preservava o caráter desafiador dos conceitos matemáticos. Apesar de muita experiência como docente, o professor Edson nunca havia lecionado em turmas com alunos surdos. Observei que ele se mostrou interessado e preocupado com essa nova situação.

Edson Alves de Araújo

Eu sou professor de Matemática. Sou formado em Engenharia Agrônoma pela universidade de Taubaté, em Biologia pela Universidade de Guarulhos e em Matemática pela universidade de Araras. Leciono há 25 anos no Ensino Fundamental e agora no Ensino Médio. Sempre ensinei Matemática e algumas vezes lecionei Biologia, porque também tenho formação em Biologia, mas eu gosto mais de Matemática. Como às vezes não há aulas de Matemática disponíveis dentro da rede pública, então a gente pega o que tem. Mas dificilmente faltam vagas para

Matemática, Física e Química. Eu estou trabalhando há pouco tempo na escola Germano Timm, faz só quatro semanas que eu comecei lá.

Eu nunca tive, até agora, alguma turma em que houvesse alunos surdos. Esta é a primeira vez e está sendo bem tranquilo porque tem o professor dois, o segundo² professor que fica com cada indivíduo desses. Então, para a gente que está lecionando a disciplina, que não está diretamente com eles, vamos dizer assim, fica bem tranquilo, porque o professor dois vai ensinando para eles, fala a mesma língua que eles e a gente está junto mas não tem a responsabilidade de falar a linguagem³ deles. Seria muito bom a gente poder falar a mesma língua que eles. Isso é um ponto a se pensar: fazer LIBRAS para conseguir conversar diretamente com eles para tirar suas dúvidas usando a mesma linguagem. Não precisaria passar para a segunda professora e a segunda professora passar para eles. Mas, em um contexto amplo, é bem tranquilo trabalhar com os alunos surdos nas aulas.

Fora da escola, infelizmente, eu nunca tinha tido contato com alunos surdos. Até conheço alguns professores, amigos meus, que trabalham com surdos e falam fluentemente. Falam e trabalham fluentemente a linguagem de LIBRAS. Minto, eu tenho um amigo que ele é meio surdo, ele usa aparelho e ouve bem com aparelho, mas sem o aparelho ele não ouve nada. Mas nunca tive a necessidade de usar diretamente a linguagem de LIBRAS. Nunca trabalhei com ninguém. Esta é a primeira experiência que eu estou tendo.

E as minhas alunas surdas são ótimas! São bem dedicadas! Elas superam a deficiência, vamos chamar assim, em função de quem ouve e fala certinho. Elas são muito melhores, mesmo sem ouvirem.

É difícil para os alunos surdos copiarem do quadro e prestarem atenção ao mesmo tempo. Mas, o ritmo das minhas aulas é bem pausado, com cada coisa no seu momento. E faço isso de propósito, justamente porque os alunos precisam de tempo. Tem que ser bem devagar porque a Matemática já é complicada e se você simplesmente jogar um monte de coisas, eles ficam perdidos. E não é só para os alunos surdos que tem que ser assim, tem que ser para todos.

² Ver o conceito de Intérprete educacional (p.49)

³ Ver o conceito de língua (p. 50), língua de sinais (p.52) e linguagem (p. 51)

Com relação à parte escrita, é complicado analisar a escrita deles na minha disciplina por que elas não escrevem textos comigo. Eles escrevem mais números do que palavras, mas dentro dos probleminhas que eles copiam, vão bem. Não tive problema quanto à leitura do que as alunas surdas escrevem porque elas acompanham bem em sala de aula. Elas copiam com certa vagarosidade, mas copiam tudo certinho. Uma delas tem um caderno impecável, outro dia ela fez uma prova perfeita, tudo certinho. Ela apresentou todas as contas na prova, tudo que tinha que apresentar, muito boa a avaliação, uma prova melhor que a de outros.

O desenvolvimento das minhas alunas surdas na escola é muito bom, elas acompanham legal. Elas compreendem os símbolos matemáticos. Bem, não sei se todos são como as minhas alunas, não posso falar de todos, mas as minhas alunas que estão no segundo e terceiro ano de Ensino Médio já estão bem adaptadas ao sistema escolar.

Eu não tenho problema algum quanto à presença do segundo professor durante a prova. Eu tenho quase 30 anos de escola e o que menos me preocupa é cuidar se a colega de trabalho vai tentar, vamos dizer assim, passar alguma cola para as alunas. Analisando o que as alunas me apresentaram na avaliação, a colega não dá ajuda alguma além do auxílio no entendimento da questão. Mas, fazer a questão, desenvolver a prova e me apresentar os resultados, isso é das alunas mesmo. Pode até ser que um professor de Português ou de alguma outra matéria possa achar que a colega vá passar cola ou alguma coisa assim, mas eu acho pouco provável que alguém pense dessa forma e, se pensar, está sendo incoerente.

Apesar do pouco tempo que estou nessa escola, percebo que as alunas surdas têm um convívio muito bom com os demais alunos da sala. Eu, particularmente, não vi rejeição da sala para com elas, nem delas para com a sala. É bem tranquilo, bem sossegado, tanto com relação a essas surdas, quanto com outros alunos que são acompanhados por outro profissional. Na verdade, eu acho que a clientela do Germano Timm, tanto de alunos quanto do pessoal que trabalha, é muito tranquila; é muito harmonioso o convívio entre todos, eu até tinha uma ideia diferente da escola... Achei bem interessante, bem legal mesmo. Eu acho que elas se sentem bem, eu não percebo elas se sentirem diferentes, se bem que eu não as trato diferente, eu nem lembro que elas são surdas, para dizer a verdade. Eu as trato igual aos outros, tanto que a colega que trabalha junto da gente às vezes tem que

me lembrar que elas não ouvem. Eu não consigo enxergá-las diferentes porque elas são bem empenhadas, elas trabalham junto com a turma, dentro das suas limitações.

Agora falando sobre as questões de inclusão social, para ser franco, eu não concordo com muitas delas. Estas alunas podem até estar muito bem para o nível que estão. Mas, se o indivíduo tem uma dificuldade muito grave, é difícil inseri-lo no contexto escolar porque o professor fica sem respaldo, porque não tem preparo para trabalhar com aquela clientela. Como você vai fazer? Um professor para quarenta alunos... fica difícil. Acho que eles poderiam até frequentar a sala como alunos ouvintes, para inseri-los no meio, mas deveriam frequentar no contraturno uma turma com um especialista para trabalhar na mesma linguagem, na mesma forma, no mesmo tempo. Seria mais enriquecedor para eles se eles tivessem esse apoio.

No Germano Timm, há uma sala de apoio para cegos e no Rui Barbosa tinha uma para surdos, só que fechou. É para ver que essa tal inserção que estão querendo fazer é só na teoria, porque na prática não funciona. Acaba funcionando para o aluno que tem intérprete e tem respaldo da família. Aqui em Joinville, a escola que eu vi que tem esse tipo de atenção é o Germano Timm. Nas outras escolas, agora que começou a ter o professor dois, de uns três ou quatro anos para cá. Ainda está meio devagar. É fácil falar que eu tenho que fazer a inclusão sem dar condições para que essa inclusão aconteça. Incluir não é pegar o aluno, jogar lá na sala, virar as costas e ir embora. Isso não é inclusão, isso é jogar a responsabilidade nas costas de outro. Não funciona, acho que o objetivo não é esse.

2.2 Narrativa de uma Intérprete educacional

Como citei anteriormente, acompanhei algumas aulas das duas turmas de alunas surdas antes de realizar as entrevistas. Em cada uma das séries, atuava uma intérprete diferente. Ambas sentavam na frente das alunas surdas ao lado da mesa do professor, com a cadeira e o corpo levemente inclinados na direção do professor. Apresentavam bom relacionamento com as alunas surdas e com os professores.

Entrevistei a intérprete da aluna do segundo ano que escolhi ouvir nesta pesquisa. É uma intérprete com pouco tempo de atuação, mas com clara dedicação e aperfeiçoamento. Ela atua no Germano Timm todas as manhãs e no período vespertino e noturno atua no SESI escola, também como intérprete.

Kerolin Stefani Moreira

Pensando sobre o que me levou a ser intérprete, nunca imaginei que eu iria trabalhar nessa área. Quando eu era criança e me perguntavam o que eu iria ser quando crescer, eu não respondia “vou ser intérprete”, isso não passou pela minha cabeça! Mas, quando eu estava trabalhando em uma empresa, tive uma oportunidade. O meu chefe escolheu algumas pessoas da minha área para fazerem um curso de LIBRAS. E foi meio na pressão: “olha, tu vais fazer esse cursinho”. Aí eu disse: “ah, está bom”. Então eu fui fazer o curso básico de LIBRAS.

Apaixonei-me desde o primeiro momento de aula. Comecei a fazer novos amigos dentro da empresa. Na verdade, muitos surdos descobriram que eu estava aprendendo LIBRAS e diziam: “Ah! Ela está fazendo curso de LIBRAS!” A partir daí, todos queriam conversar comigo, queriam que eu sentasse junto deles no refeitório, pediam para eu interpretar algumas coisas! No começo foi bem difícil, mas foi assim que aconteceu.

Terminei esse curso na empresa, procurei outros fora e fui fazendo, buscando aprender mais e mais. Depois de um tempo, pesquisei tudo que se precisa fazer para ser um intérprete. Precisa de Pedagogia, então fiz faculdade de Pedagogia. Precisa de 180 horas. Como levaria um ano e meio para conseguir as 180 horas e

eu queria aprender mais rápido, procurei e encontrei um curso de 60 horas, outro de 90 horas. Com as 50 horas que eu já tinha do primeiro curso, fechei a quantidade de horas necessárias em um ano. Eu tinha muita amizade com os surdos, então eles me ajudaram bastante a aprender a língua de sinais, me ensinavam novos sinais. Eu passava vários finais de semana com eles e questionava tudo: “Ah! Que sinal é esse? Aquela loja tem sinal? Aquela pessoal tem sinal? Isso tem sinal?” E assim foi...

Há uma certificação chamada PROLIBRAS que serve para habilitar o intérprete para atuação na escola. As escolas de Joinville ainda não exigem esta certificação, pois na cidade há falta de profissionais nessa área, o que faz com que as escolas aceitem pessoas sem que elas tenham a aprovação nessa prova. Apesar do pouco tempo de experiência que tenho, tentei conseguir esta certificação na edição de 2013. A prova funciona assim: na primeira etapa você assiste, em um telão, a vinte perguntas, cada uma com quatro itens para serem escolhidos como resposta, sendo que todas essas perguntas são feitas em LIBRAS e você tem cinco segundos para responder; na segunda etapa, a prova muda de acordo com a habilitação que você quer, que pode ser de intérprete ou de instrutor. Infelizmente, eu não passei. Mas esta edição serviu de experiência para a próxima tentativa. A prova estava bem difícil, cobrou muita gramática e o tempo para responder as questões era muito curto, além de cobrarem muitos sinais que não são usados em nossa região. Eram sinais mais usados na região onde elaboraram a prova, Rio de Janeiro eu acho. Outra coisa complicada é que as perguntas não ficavam muito claras. Por exemplo, tinha uma questão sobre meio ambiente em que o surdo dava muitas informações sobre o meio ambiente e de repente vieram as alternativas e eu nem tinha entendido a pergunta direito.

Depois de um ano, mais ou menos, fazendo cursos de LIBRAS, eu comecei a procurar vagas de trabalho. Na verdade, quem me orientou e me indicou uma vaga foi minha professora. Eu ainda estava trabalhando na empresa, mas já queria sair de lá, então pensei: “Ah! Meu Deus, sério?” e ela disse: “É a tua oportunidade”. “Então está bem!”. No início, eu fiquei bem assustada porque achava que eu tinha pouco conhecimento. Mas, estava faltando intérprete na escola! E a aluna, uma dessas com quem trabalho hoje, já havia passado dois meses e meio sem intérprete, foi quase um bimestre inteiro sem intérprete. Ela estava todo esse tempo sozinha!

Minha professora falou: “Vai gurua, ela precisa de ti, precisa de intérprete. Não tem intérprete e ela vai ficar o ano todo sozinha!” Eu decidi encarar, mas encarei estudando um monte.

Quando entrei na sala de aula, comecei a perceber que aquilo que eu já havia aprendido nos cursinhos era muito básico. Ainda que eu já tivesse feito um monte de coisas, eu não tinha os sinais próprios de sala de aula, sinais próprios de matérias, sabe? Isso você não aprende em cursinhos, são coisas que você aprende dependendo da área que você decide focar. A área da saúde tem sinais próprios, há sinais da escola, sinais da faculdade etc.. Cada área tem seus sinais próprios. Foi na sala de aula que percebi que tipo de sinais eu precisava aprender. Então, comecei a procurar e perguntar os sinais para todos os surdos que eu encontrava. No início foi bem difícil. Comecei ali onde estou hoje, no Germano Timm, com uma das alunas que estou acompanhando este ano, a Amanda. Ela estava no primeiro ano do Ensino Médio, o primeiro bimestre já estava terminando e as médias já estavam praticamente fechadas. As notas dela não estavam muito boas, principalmente em duas matérias nas quais estava muito abaixo da média. Isso porque, nessas matérias, ela não conseguia entender o que o professor estava falando. Além disso, estas matérias costumam ter prova mais descritiva, nas quais ela precisava do auxílio do intérprete para leitura e escrita. Por exemplo, as provas de Geografia são provas extensas, dissertativas. Mesmo quando tinham questões de múltipla escolha, ela precisava entender o que estava sendo perguntado. Ela não entendia principalmente as palavras próprias de Geografia porque ela não as conhecia. Mas, em outras matérias ela estava melhor, principalmente nas matérias em que os professores costumam usar mais o quadro. Pois, quando ela olha para o professor fazendo exemplos no quadro, ela compreende com mais facilidade. Em geral, são matérias mais exatas como Matemática, Física, Filosofia, essas coisas. Essas ela conseguiu acompanhar melhor. E também porque tinham mais trabalhinhos para fazer e isso auxiliou bastante na nota dela.

A Amanda é surda de nascença, pois sua mãe teve rubéola durante a gravidez e por isso ela nasceu surda, se não fosse esse problema, ela seria ouvinte. Hoje a Amanda está no segundo ano do Ensino Médio e pelo que sei ela aprendeu LIBRAS aos seis ou sete anos quando cursava as séries iniciais. Parece que ela teve certa dificuldade no início e chegou até a repetir uma das séries dessa fase,

mas depois que aprendeu a LIBRAS ela passou a ter um bom desenvolvimento escolar como tem até hoje. Sei que ela nem sempre estudou ali no Germano Timm, ela passou por várias escolas. Pelo que sei, sua alfabetização foi feita na escola Rui Barbosa. Os membros da família da Amanda não dominam a Língua de Sinais. Somente a mãe que sabe um pouquinho, mas os demais não sabem nada de LIBRAS. Por isso, ela se obriga a falar; então ela é uma pessoa oralizada, ela fala um pouquinho. Quem conhece Língua de Sinais entende tudo que ela quer dizer, mas os que não entendem nada de Língua de Sinais conseguem ter uma boa noção do que ela quer falar. Ela tem um bom domínio da LIBRAS porque tem muitos amigos surdos com os quais convive bastante. Mas, na escola, é tudo em LIBRAS, dificilmente ela oraliza. Ela também usa um pouco de leitura labial para se comunicar com os colegas nos momentos em que está sem intérprete. Eu já expliquei para os colegas dela que ela consegue entender se eles falarem bem devagar e na frente dela. Ou, pode ser também por escrito porque ela escreve super bem e conhece muitas palavras.

Recentemente, entrou mais uma aluna surda na sala dela, a Jeniffer. Ainda não a conheço tão bem, ela ainda está em processo de adaptação, ainda precisa se acostumar comigo, com a sala, com a turma. Está um pouco difícil ainda, principalmente com relação a faltas. Ela não é uma aluna muito, como posso dizer, interessada. Mas é muito inteligente e aprende super rápido. Sempre que os professores passam tarefas em sala de aula ela faz super rápido. A mãe da Jeniffer também ficou doente na gravidez e a doença a afetou, mas o caso dela é diferente porque a família toda sabe Língua de Sinais. A mãe, o pai, os irmãos. Até a irmãzinha de três aninhos já está aprendendo também. Então, toda a família que mora com ela sabe bem LIBRAS, mas os que não moram na casa dela não sabem.

Tanto a Amanda como a Jeniffer dominam a língua de sinais, mas no geral as duas são bem diferentes. A Amanda raramente falta à aula, mas aprende de uma forma mais lenta. Como já a acompanho há um ano, sei que ela tem dificuldade em Matemática, naquelas questões mais básicas. E parece que é algo que já vem de tempo, como mudança de sinal, divisão, essas coisas. Mesmo que no ano passado isso tenha sido muito trabalhado com ela - eu mesmo expliquei várias vezes, o professor também, sempre batendo na mesma tecla - ainda não ficou gravado e às vezes ela ainda esquece. Ao passo que a Jeniffer é bem mais rápida e pega a

Matemática muito melhor, não sei se teve uma base melhor ou se é por ter mais afinidade com a matéria. Mas essas diferenças são comuns entre quaisquer alunos porque uns são mais rápidos e outros mais devagar.

Uma questão bem complexa na educação de surdos é a questão da leitura e da escrita. O surdo entende palavras, mas não consegue fazer a interpretação de um texto. Isso porque existem palavras da nossa língua, o Português, que possuem mais de um significado sendo que o sentido muda de acordo com a frase em que é usada. Já na Língua de Sinais, cada palavra tem um sinal e um significado, se for outro sinal será outro significado. A LIBRAS é uma língua com estrutura própria e é totalmente diferente do Português, tanto na leitura, quanto na escrita. Já começa com o fato de que o nosso Português é som e a Língua de Sinais é imagem. Além disso, a LIBRAS possui estrutura gramatical própria que não obedece às mesmas regras da língua que falamos. Por exemplo, a palavra carteira. Pode ser carteira de dinheiro ou carteira de escola. Em língua de sinais, cada um desses significados tem um sinal correspondente. Quando o surdo vai ler um texto onde aparece essa palavra, ele pode pensar: “ah, é carteira de dinheiro”; mas ele tem que ver a frase e analisar sobre o que ela está falando para entender o contexto. E é isso que normalmente ele não consegue fazer, os surdos se perdem muito nisso porque eles leem um texto sem saber qual é a interpretação correta de cada palavra daquele texto.

Quando nós ouvintes pensamos na palavra cadeira, logo vem à cabeça a imagem do objeto cadeira e conseguimos ir soletrando o som da palavra. Para o surdo não. Vem só as imagens: do objeto e do sinal daquela palavra. A palavra escrita vem inteira, então eles precisam memorizar a palavra. É por isso que eles memorizam de um jeito só e não fazem conjugações. Por exemplo, para os ouvintes, o verbo precisar pode ser usado de várias formas e em várias conjugações que dependem do contexto. Só que os surdos decoram desse jeito: “PRECISAR”, memorizam a palavra toda; e usam assim: “PRECISAR IR BANHEIRO”, “PRECISAR COMER”, “PRECISAR TRABALHAR”, vai ser desse jeito que eles irão fazer.

Na leitura, eles, em geral, leem palavrinha por palavrinha e para cada uma delas vão associando um sinal. Quando a palavra tem mais de um significado, eles escolhem um e vão para a próxima palavra e assim vai. Só que, muitas vezes, chega ao ponto final e a frase não fez sentido. Nesse momento, vem o intérprete, lê

a frase e explica a ideia que está naquela frase usando os sinais que vão representar melhor aqueles significados, ou seja, vai fazendo a interpretação. Assim é feito durante a leitura de um texto em sala de aula, durante uma prova e também quando eles vão escrever porque eles escrevem usando a estrutura da Língua de Sinais e não a do português.

Por isso, eles não fazem conjugações de verbos, não usam preposição, nem concordâncias nominais de gênero, número ou grau. Quem faz isso é o intérprete. Por exemplo, eles querem escrever a frase: “eu vou comprar um carro”. Em LIBRAS seria: “EU CARRO COMPRAR”, que é bem diferente do Português. Um professor que não tem noção da Língua de Sinais vai ler aquela frase e vai se assustar.

Esta é outra função do intérprete: ter que explicar essas coisas para o professor já no início para que ele não pense que os textos do aluno surdo estão todos errados. Assim, o intérprete auxilia o professor traduzindo o texto do aluno para o Português. Em alguns casos, o professor consegue fazer isso sozinho, mas às vezes não, então a gente coloca as preposições, os artigos e faz as conjugações corretas para dar sentido à ideia do aluno. Ou seja, organizamos o texto do aluno não tirando a ideia dele, que permanece sempre.

Ainda tem a questão de fazer a voz do aluno surdo, porque existem os trabalhos que exigem que o aluno se apresente na frente da turma, ou você acha que eles não se apresentam? Eles se apresentam sim, como qualquer aluno ouvinte, só que através da Língua de Sinais e a intérprete fica lá na frente sentadinha e faz a voz do aluno. Mas isso não é uma tarefa fácil porque temos que fazer todas essas conjugações que temos no Português e que não existem na Língua de Sinais. Por isso, o aluno surdo tem que ter um ritmo mais lento nesses momentos, para conseguirmos fazer a tradução corretamente. No exemplo que eu dei antes, a frase “CARRO COMPRAR” em Língua de Sinais é formada apenas por dois sinais mas em Português a estrutura da frase fica bem maior e mais complexa, tornando a tarefa de fazer a voz do aluno mais demorada. Mas é tranquilo porque a maioria dos alunos surdos já tem esse conhecimento, eles sabem que tem que ser um pouquinho mais devagar nesses casos. Só que, como qualquer aluno, eles também podem ficar nervosos lá na frente e normalmente quando ficamos nervosos, tendemos a acelerar nossa fala. E eles também, quando ficam nervosos eles aceleram na Língua de Sinais. Nesses casos, tem que pedir para que repitam mais

devagar e eles fazem de novo. Em geral, o professor espera com paciência e eles se apresentam.

No dia a dia da sala de aula, o intérprete está lá para que o aluno surdo tenha as mesmas chances de aprendizagem que os ouvintes, traduzindo tudo que o professor passa para a turma. Inclusive, traduzimos as perguntas que os colegas fazem para o professor. Porém, o intérprete não conhece todos os sinais de todas as palavras e volta e meia aparecem palavras cujo sinal desconhecemos. Em alguns casos, o aluno surdo conhece e ensina o intérprete. Mas há outros casos em que nenhum dos dois conhece o sinal, nem o aluno e nem o intérprete. Nestes casos, a palavra é soletrada e depois, fora da sala, entramos em contato com outros surdos, geralmente com algum surdo adulto ou com um instrutor de LIBRAS, para aprendermos o sinal. Isso acontece muito em matérias como Biologia, Física, Química, Geografia, em todas essas matérias que usam muitas palavras científicas. Mas, caso seja uma palavra muito utilizada durante aquela matéria, peço para o aluno criar um sinal, pois somente os surdos podem criar os sinais. Então, passamos a utilizá-lo enquanto não descobrimos o sinal correto ou nos casos em que o sinal não existe mesmo. Depois que encontramos o sinal, substituímos aquele que criamos que cai no esquecimento. Fazemos isso porque ficar soletrando é muito cansativo e isso acontece até com palavras bem conhecidas no ambiente escolar. Eu vivenciei o caso da palavra “fotossíntese”, uma palavra super conhecida, né? Não tinha sinal, procurei no dicionário, perguntei para um aluno surdo, para professores surdos, para instrutor de LIBRAS... Não tinha, então eu pedi para as alunas criarem um sinal que utilizamos somente na sala de aula, lá fora não. Fora da sala de aula, é o surdo, na comunidade dele, que irá criar e aceitar aquele ou outro sinal para ser divulgado e utilizado por todos.

Em geral, a gente interpreta tudo que o professor passa, e traduz o que ele falou para o aluno. Não posso falar para o aluno algo que o professor não tenha falado. Assim, se ele fala $2+2=3$, mesmo eu sabendo que está errado, eu vou falar $2+2$ é três, por que é ele quem está falando, a voz é dele, não minha. Agora, no momento em que o aluno está fazendo algum exercício depois do professor já ter explicado o assunto e ele pergunta de novo, eu posso responder, pois eu já gravei aquilo. Isso no caso do professor não estar em sala ou estar ocupado, pois na sala de aula é a maior correria e muitas vezes é difícil para o professor ir até o aluno

surdo com calma para eu traduzir, ver se o aluno entendeu ou se não entendeu, acaba sendo um processo muito demorado. Mas, eu não vou lá ensinar a matéria, pois nem tenho conhecimento para isso. Claro que eu já aprendi a maioria das coisas que estão sendo ensinadas para o aluno, pois eu já fiz o Ensino Médio, mas não é minha matéria, não é minha área. Se o aluno tem uma dúvida, é o professor que vai responder.

Tem também a questão de que o aluno surdo só faz uma coisa de cada vez, que ou ele presta atenção na explicação, ou ele escreve. Por ser visual, o surdo está sempre fazendo essa combinação: olha para o intérprete, para o quadro, para o professor, para o intérprete. A ordem em que as coisas serão feitas, em sala de aula, fica a critério do professor, mas ele precisaria escolher entre passar no quadro primeiro e explicar depois ou explicar primeiro e depois passar a matéria no quadro e não fazer as duas coisas ao mesmo tempo, isso é, explicar enquanto passa no quadro. Isso seria bom até para os ouvintes, pois apesar desses poderem escrever e ouvir ao mesmo tempo, às vezes a qualidade dessas tarefas pode ser comprometida.

Uma coisa interessante é que o surdo sempre compara se o que o professor está falando bate com o que o intérprete está traduzindo. E eles são muito espertos, eles sabem se o que o professor está falando bate ou não com o que estamos traduzindo. Por essa razão, usamos a mesma expressão facial que está sendo usada pelo professor; se ele está bravo, a gente fica bravo, se o professor está feliz a intérprete está feliz, é sempre assim. Então, se de repente o professor está dando uma bronca na turma e eu estou normal, opa, o aluno surdo já sabe que está faltando alguma coisa.

Como o aluno surdo é visual, é interessante que o professor faça uso de imagens durante a explicação dos conteúdos, pois assim o aluno terá uma combinação da imagem com o que o professor explicou, ficando muito mais fácil de gravar o conteúdo. Geralmente, na hora da prova o aluno costuma ficar nervoso e perdido, então se teve aquela imagem, eu posso dizer: “lembra-se daquela imagem que o professor mostrou?” pronto, o aluno vai conseguir resolver. Se tiver uma explicação que é teoria, teoria, teoria, passa tudo muito rápido, mas uma figura fica na memória dele, porque ele é um aluno totalmente visual, ele não é palavra nem

som, ele é imagem. Então, o professor precisa disso, ele precisa fazer essa combinação: imagem e teoria.

Nas matérias exatas que já são mais visuais, quanto mais diretas forem as questões em uma prova, mais fácil é para o aluno surdo, pois a Matemática, por exemplo, já é mais demorada, pois o aluno precisa raciocinar, precisa pensar e nem tudo a intérprete pode traduzir, porque tem coisa que se a intérprete traduz influencia na resposta e ele precisa pensar sozinho. Por exemplo, eu tive uma situação em uma prova, recentemente. O assunto era PA⁴ e a questão queria saber a sequência de sete números, dados o primeiro e o último. A aluna precisava encontrar somente cinco termos, mas pensou que tinha que encontrar sete além daqueles dois que já tinham sido dados. Assim eu traduzi: “quer sete termos, o primeiro é tal e o último é tal”. Mesmo não tendo dito para encontrar sete termos entre os dois, uma das alunas interpretou corretamente, enquanto que a outra não conseguiu. Entende? Essa questão eu não podia fazer de outro jeito, pois não era uma questão de interpretar o Português, mais sim a Matemática e isso elas tinham que saber.

Tem também a questão do tempo de prova, pois as aulas são muito curtas. Duram somente quarenta e cinco minutos, o professor já gasta cinco minutos fazendo a chamada, até as provas serem entregues sobra só uns quarenta ou trinta e cinco minutos para os alunos fazerem a prova. No caso do surdo, ainda tem que ter um tempo para que eu possa ler e pensar na melhor forma de traduzir as questões para o aluno. Ele terá pouquíssimo tempo para resolver as questões, por isso quando as provas são entregues eu já faço a tradução, não posso deixar que ele tente ler a questão para depois traduzir, pois senão ele será mais prejudicado, pois não terá tempo hábil para fazer a prova. Quando é para o aluno fazer atividades em sala de aula, eu o deixo tentar ler antes de traduzir para ele, caso ele não consiga eu falo para que tente novamente, para só depois eu traduzir, buscando saber quais palavras ele entendeu e quais não entendeu aí eu foco nas que ele não conhece e digo: “olha, essa palavra tem tal sinal e significa tal coisa” ou “não tem sinal, mas a gente utiliza assim, assim, assim... entendeu?”; então se ele entendeu, ele vai sozinho, mas durante a prova não temos tempo para fazer isso.

Normalmente, o aluno surdo não consegue terminar as provas, pois ele tem o intérprete e todo esse processo de tradução das perguntas que acabam tomando o

⁴ Progressão Aritmética.

tempo que deveria ser usado para resolver as questões. Assim, alguns professores que não exigem que o aluno surdo faça todas as questões, redistribuem os pontos por essas questões que o aluno conseguiu resolver. Exemplo, se a prova tinha cinco questões e o aluno só conseguiu fazer quatro, o professor redistribui os pontos por essas questões, não cobrando a que faltou. Faz isso porque, infelizmente, as provas são pensadas para a maioria ouvinte.

Quando acontece de eu receber a prova com antecedência, o aluno surdo acaba ganhando tempo, pois assim eu já pensei na melhor forma de interpretar a prova e conseqüentemente ele terá mais tempo para desenvolver as questões. Mas isso normalmente não ocorre. Na verdade, eu deveria receber com antecedência a matéria que será passada na aula, o que também não acontece muito. O que acaba acontecendo é que o professor chega à sala de aula e começam a passar matéria e vai perguntando para mim: “Tudo bem? Está conseguindo? Está com alguma dúvida?”; assim, se eu não entendo já pergunto e ele explica mais vezes até eu entender. Mas, geralmente, eles não passam com antecedência porque a maioria deles não tem planejamento, muitos preparam a aula na hora e mesmo os professores super organizados não conseguem passar o conteúdo antes para mim, pois muitos trabalham de quarenta a sessenta horas, trabalham em todos os períodos; na verdade, tem professor lá que dá dó... tem um monte de aluno, sendo impossível passar o material com antecedência. Mas, a maioria deles é muito atenciosa, se eu não entendi, eles explicam quantas vezes forem necessárias até eu entender. Tem até caso de professores que param de explicar caso eu pare de interpretar, pois pensam que eu não estou entendendo, mas às vezes eu paro só porque estou esperando ele concluir o pensamento para depois traduzir. É que existem coisas, como metáforas, por exemplo, que não fariam sentido para o aluno se eu traduzisse ao pé da letra. Eu preciso saber onde o professor quer chegar para traduzir da melhor forma para o aluno. Já aconteceu de eu estar meio distraída e traduzir algo de duplo sentido e a aluna não entender nada. Certa vez, um aluno que sempre chega atrasado chegou na sala antes do sinal bater e os outros alunos falaram: “Nossa, vai chover!” e assim eu traduzi. Mas era um dia ensolarado e a aluna olhou para fora e disse: “não vai chover, olha que dia lindo”, então tive que pedir-lhe desculpas e explicar o sentido irônico da expressão.

Sobre a compreensão de símbolos matemáticos? Como eu estou atuando mais no Ensino Médio, pego alunos que já estão bem adaptados ao sistema escolar. Eles já conhecem a maioria dos sinais das operações básicas, como “SOMA, DIFERENÇA, MULTIPLICAÇÃO, DIVISÃO”, então eles sabem quando o professor está fazendo isso, quando não está. Por exemplo, se o professor vai passar uma expressão matemática no quadro, eu vou traduzido para Língua de Sinais: “2 + 2 depois dividiu, depois somou, depois diminuiu”, tudo que o professor fez eu estou fazendo também. Enquanto isso o aluno divide sua atenção entre o intérprete, o professor e o quadro para ver se as três informações coincidem.

Tem vezes que quando o professor resolve questões no quadro ele só escreve a forma mais direta da conta deixando as explicações detalhadas para a fala. Com esse jeito, os alunos surdos costumam se perder. Então, como o intérprete acabou de ouvir a fala do professor, ele passa para o aluno esse detalhe que faltou. Em geral é bem tranquilo para eles aprenderem. Só que, igual acontece também para os alunos ouvintes, se em séries anteriores ele não conseguiu aprender as regrinhas básicas da Matemática, acaba complicando a aprendizagem atual. Por exemplo, ele pode não ter aprendido corretamente coisas como regra de três, tabuada, raiz quadrada, divisão, multiplicação etc., que são coisas que eles já deveriam saber e isso acaba complicando a vida deles na Matemática.

Além disso, o que pode complicar um pouco na parte da Matemática é a interpretação de problemas, pois para resolvê-los o aluno precisa raciocinar um pouquinho mais. Para o surdo, isso geralmente é mais complicado, pois o surdo não é muito lógico. Mas, de novo, isso depende de cada aluno. Já trabalhei com um aluno surdo que não gostava muito de prestar a atenção na minha interpretação, pois não entendia muito bem nem Português e nem a LIBRAS, mas no que se tratava de Matemática ele parecia pegar as coisas no ar, bastava acompanhar o professor resolvendo a questão no quadro e na hora de resolver contas ele conseguia fazer sozinho.

A escola Martins Veras oferece aulas de reforço dois dias por semanas no contraturno, mas acho que não são exclusivas para alunos surdos e não sei se os surdos são acompanhados por intérpretes. Desconheço se outras escolas públicas também fornecem esse tipo de atendimento. Os alunos surdos geralmente são atendidos por um instrutor que tira algumas dúvidas.

O instrutor normalmente é uma pessoa com deficiência auditiva (D.A.)⁵ ou surda, dificilmente é ouvinte, pois precisa ter um conhecimento profundo do Português bem como da LIBRAS. O SESI escola tem duas professoras que são instrutoras, uma delas é surda e outra é D.A. Elas também trabalham em outras escolas. A função delas não é explicar conteúdos e sim palavras, seus significados, seus sinais e também dar exemplos dos contextos em que essas palavras são utilizadas. Mas não são todas as escolas estaduais que contam com esses profissionais.

O Germano Timm tem uma sala de recursos que atende deficiente visuais, antigamente a escola Rui Barbosa funcionava como uma escola bilíngue porque ensinava Língua de Sinais e Português para os surdos em fase de alfabetização, mas fechou, o que é bem complicado para as próximas crianças que vão vir agora. Quem vai ensinar? Eu acho que serão esses instrutores que vão se espalhar por várias escolas estaduais para ensinar Língua de Sinais.

Hoje em dia, a comunicação pode ser feita de várias formas. Ano passado, a Amanda teve que fazer um trabalho de inglês em dupla com uma aluna ouvinte. Precisavam se encontrar fora do horário de aulas e não sabiam como iriam se comunicar então eu sugeri que o fizessem por mensagens de celular. Como o trabalho era fazer um diálogo, acabaram usando as mensagens que trocaram para compor o trabalho, que era formado por perguntas como: “Onde tu moras? Com quem tu moras?” e assim elas conseguiram se comunicar.

Na questão do Inglês, muitas vezes o intérprete, como é meu caso, não entende nada de Inglês. Então eu sempre converso com o professor e falo: “Professor, quer falar Inglês, fica à vontade porque a pronúncia é importante para os alunos ouvintes. Mas, traduza para o Português”. Digo isso, pois assim eu entenderei do que o professor está falando. Então, normalmente, o professor passa a palavra em Inglês no quadro e fala, ou escreve o significado em português. Como eu não conheço o sinal da palavra em ASL, que é a Língua de Sinais Americana, eu soleiro sua forma escrita para as alunas. Depois dou o sinal do significado em Português, quando existe. Na hora do professor cobrar as palavras do aluno, ele cobra a forma escrita em Inglês e o significado da palavra em Português, que o aluno sabe porque eu passei o sinal para ele. Isso porque não seria justo cobrar a

⁵ Ver explicação do termo (p. 46).

pronúncia em Inglês, pois o aluno surdo não tem a obrigação de falar e o intérprete não tem a obrigação de saber... Imagina como seria? O aluno soletrando a palavra em Inglês e eu pronunciando a palavra em Inglês? Não é justo, né?

Falando nisso, cada país tem uma Língua de Sinais diferente. No Brasil, usamos a LIBRAS. Os Estados Unidos, por exemplo, utilizam a ASL (*American Sign Language*) e assim por diante. Para aprender outra língua de sinais, eu preciso primeiro conhecer a língua oral deles, pois caso eu vá para outro país, para os Estados Unidos, por exemplo, e queira saber sobre alguma rua, eu primeiro preciso saber como se escreve rua em Inglês para depois soletrar para algum surdo para que ele possa me passar o sinal de rua e assim eu aprenda aquele sinal. Tem que saber as duas línguas do mesmo jeito que aqui a gente sabe as duas línguas, a LIBRAS e o Português.

Tem também o caso dos concursos públicos que têm redação ou questões dissertativas. Não tenho muito conhecimento dessa área, mais pelo pouco que sei, a pessoa que vai corrigir a prova feita por um candidato surdo tem que saber que aquela prova foi resolvida por uma pessoa surda porque tal prova não pode ser corrigida como se corrige uma prova de ouvinte, porque para o ouvinte o Português é a primeira língua e deve ser cobrada como tal. No caso do surdo, sua primeira língua é a Língua de Sinais e o Português é a segunda. Então, para o surdo, tem que ser cobrada a LIBRAS, não o Português. Desta forma, quem vai corrigir uma redação ou prova dissertativa feita por um surdo deve ser alguém que conheça a Língua de Sinais. Além disso, eles geralmente traduzem a prova para o aluno, então há um intérprete também que traduz a redação, traduz uma pergunta também no vestibular, quando ela é dissertativa. O que o surdo escreve é traduzido, aí a pessoa que vai corrigir já tem uma noção do que o aluno surdo escreveu. Mas a pessoa surda tem que entender o conteúdo que está sendo cobrado para saber colocá-lo no papel, pois mesmo que ele não tenha noção de conjugações ou de preposição, ele tem que saber colocar as palavras chaves no papel. Senão, não tem como adivinhar o que ele está querendo dizer com aquele texto. Acontece muito de o surdo conhecer Língua de Sinais, mas não ser alfabetizado. O processo de alfabetização é mais complicado e demorado para o surdo porque, diferente do ouvinte que percebe o som e já o associa à palavra escrita, o surdo só tem a imagem da palavra, para ele, a palavra não tem som, então tem que memorizar a palavra inteira.

A Língua de Sinais é independente da língua oral, pois o surdo não precisa saber Português para saber a LIBRAS. Ele não aprende, por exemplo: o som “papel” se escreve p-a-p-e-l e o sinal do papel é tal. Ele aprende quando se mostra o papel para ele e depois se mostra o sinal e não a palavra. A palavra vem depois quando ele for alfabetizado, entende? Então, o professor que vai ensiná-lo a escrever, vai pegar a imagem do papel e vai dizer: “olha, lembra-se disso aqui, que o sinal é esse, isso é PAPEL e como se escreve? Se escreve p-a-p-e-l” e assim o aluno vai decorar aquela palavra, e assim será com as demais.

Uma coisa que considero muito importante é que a família do surdo aprenda a LIBRAS, que é primeira língua deles para que possam conviver melhor, pois você não saber se comunicar com o próprio filho fica bem difícil. Até é possível comunicar coisas rápidas, como coisas que ele tem que fazer, mas e quanto a questões mais profundas? Como quando você quer explicar algo mais subjetivo para ele, quando você tem que alertá-lo de alguma forma? Coisas do tipo: “olha, não pode fazer isso porque é perigoso!”; “cuida com quem você está andando!”... Como é que a família vai fazer? Acaba acontecendo do surdo entrar em situações de drogas ou em outras situações perigosas, em coisas que eles não tem noção do que está acontecendo. Por exemplo, já teve situações que ouvi falar, de um surdo dizer: “Eu vejo pessoas fumando, ninguém fala que é errado”; na cabeça dele, se ele vê na sociedade é porque deve ser normal. Hoje é muito fácil ver pessoas usando droga ou usando alguma outra coisa; então é normal, se ele está vendo e ninguém fala para ele que é perigoso, ele vai pensar que é normal.

Um ouvinte recebe mensagens o tempo todo de programas de televisão e de cartazes de campanhas por todo lugar. Mas, muitas vezes essas informações não chegam até a pessoa surda porque esses meios citados usam o Português. Então, para entender o que esses meios comunicam, o surdo tem que saber o Português, mas a maioria não sabe. Muitas vezes, só conhece algumas palavras, mas não suas interpretações, assim é difícil para o surdo absorver o que está se passando na sociedade. Em geral, o surdo não consegue compreender o porquê de certas coisas serem erradas enquanto que outras são corretas. Então, tem que ter alguém para falar na língua dele: “Olha, isso é errado porque pode acontecer tal coisa ou pode prejudicar tua saúde”, no caso das doenças, “Olha, você tem que usar isso, tem que se prevenir, não pode fazer sem”. Hoje está mais fácil porque há o intérprete na sala

de aula e a maioria dos surdos conhece algum ouvinte que sabe Língua de Sinais. Aqueles surdos que são isolados, que a família ainda esconde dentro de casa, esses não têm muita noção do que passa a sua volta, bem como aquele surdo que não sabe Língua de Sinais, porque fica mais difícil de entender. Mas a maioria dos surdos jovens de hoje já tem uma noção e acabam socializando mais, também por causa da escola que tem o intérprete. Assim, quando tem uma palestra na escola, tem a intérprete acompanhando. Não é como antigamente que, quando tinha uma palestra falando sobre doenças, só o surdo não entendia.

Sobre a educação inclusiva que está sendo implantada nas escolas, eu acho que funciona dependendo do contexto, dependendo do que se entende por inclusão. Se a inclusão for só colocar o aluno surdo na sala de aula, na minha opinião, isso não vai funcionar porque no meu ponto de vista, inclusão não é você simplesmente colocar um aluno surdo junto com os outros alunos ouvintes, você tem que preparar o ambiente para esse aluno para isso ser inclusão, para que ele possa interagir, aprender e absorver todos os conhecimentos como os demais estudantes da sala e não ele estar simplesmente de corpo presente ali junto como os outros alunos.

Quando o surdo sabe Língua de Sinais, tem um intérprete preparado e também tem um professor que pensa em diferentes formas para que esse aluno aprenda da mesma forma que os demais, preparando materiais, isso sim é uma inclusão. O aluno surdo é tão aluno do professor quanto os alunos ouvintes, a responsabilidade sobre esse aluno é do professor. O intérprete está ali para promover a comunicação entre o professor e o aluno e também para que esse aluno possa se socializar e interagir como o meio em que ele está inserido.

Para mim, o que falta nas escolas inclusivas é um preparo para os professores, pois muitos nada sabem sobre a função do intérprete, nem o que é LIBRAS ou Língua de Sinais. Muitos perguntam para o intérprete: "Intérprete? Mas do quê?", Aí eu tenho que explicar: "olha, essa aluna é surda, ela não ouve nada. O que você falar eu vou passar para ela, o que ela falar eu vou passar para você". Muitos professores acham que o aluno surdo é minha responsabilidade como se eu fosse uma segunda professora, acham que sou eu que vou adaptar material, que vou elaborar a prova desse aluno. Mas não, eu não sou segunda professora.

Também falta a escola se preparar para a chegada desses alunos. Eles precisam fazer reuniões pedagógicas para tratarem de assuntos relacionados ao

ensino e aprendizagem de alunos surdos e divulgarem informações sobre a língua deles, que é LIBRAS e ainda sobre outras questões que levantei aqui. Podiam colocar o intérprete para ajudar, para discutirem com seria a forma adequada para que os alunos surdos aprendam melhor e coisas que possam facilitar o dia a dia da sala de aula, mas simplesmente eles não perguntam nada para gente.

Até tentamos arrumar um espaço nas reuniões, eu tento falar o que eles podem fazer. Só que às vezes eles acham que a gente está querendo se intrometer. Mas não! Então tenho que ir devagarzinho conquistando espaço e a confiança deles, pois tem professor que fica com um pé atrás quando sabem que vamos interpretar prova. Se antes do aluno chegar, o professor e a escola já soubessem, já se preparassem, se tivessem reuniões que abordassem o assunto, poderia ser mais fácil.

Geralmente, eles não sabem como trabalhar, mas alguns pesquisam enquanto outros não querem nem saber. Uma vez eu estava na sala dos professores conversando com um professor que estava interessado em como seria a melhor forma de ensinar para os alunos surdos e outra professora disse: “Que bom que não é minha aluna porque eu não mudaria minha metodologia, pois eu já estou quase me aposentando, me aposento em dois ou três anos. Por que mudaria minha forma de ensinar?”. Mas nesse tempo, ela poderia transformar a vida de um aluno, principalmente se ele estivesse no Segundo Grau e nesse mesmo período de tempo ele iria se formar. E o que ela fez para melhorar a vida futura dele?

Na verdade, eu e o outro professor ficamos chocados porque esse não deveria ser o pensamento de um professor, pois quando você não tem esse conhecimento, você tem que buscar e coisas diferentes estão constantemente surgindo, não só para alunos surdos, mas também para outras deficiências. Tem que saber lidar com essas diferenças na sala de aula porque a diferença é questão de adaptação, porque cada aluno aprende de um jeito diferente e o professor tem que saber lidar com isso.

Dentro da sala de aula, nunca presenciei nenhum tipo de preconceito dos alunos ouvintes para com os surdos. Ao que me parece, em geral eles são até meio protetores, sempre que tem trabalho em grupo alguém chama as alunas surdas não as deixando sem grupo. Sinto que eles têm muita vontade de se comunicar com as

alunas surdas, mas ficam com medo de não saberem como fazer e eu explico para eles falarem na frente delas, para que os entendam e que o que quiserem saber ela vai passar o sinal ou fará por escrito.

2.3 Narrativa de uma aluna surda

A diferença básica entre as duas turmas onde observei as aulas era que os alunos do primeiro ano se mostravam mais agitados do que os alunos do segundo ano, como era de se esperar devido à faixa etária dos alunos. Porém, este comportamento não se refletia nas alunas surdas, pois todas as três eram pessoas calmas, interessadas e interagem mais com as intérpretes e com os professores do que com os demais alunos da turma.

Eram alunas dedicadas, dificilmente prestavam a atenção em algo que não fosse a intérprete ou o professor. Realizavam as tarefas propostas pelos professores, e por vezes ganhavam elogios. Optei por escolher a Amanda, para a entrevista, pois apesar de tímida me pareceu madura e interessada em ajudar na pesquisa.

Amanda Caroline Godoy

Vou contar um pouco da minha vida. Quando eu era criança, aprendi primeiro a oralização e depois, por volta dos sete anos, aprendi LIBRAS. Daí, consegui me comunicar, conheci vários sinais, comecei a me desenvolver na escola. Naquela época, estudei em uma escola bilíngue, onde o surdo ficava em uma sala própria só para surdos. Havia um professor bilíngue que sabia LIBRAS, ensinava a escrever as palavras e ensinava o sinal. Eu aprendia a LIBRAS e as palavras ficaram bem mais claras. Gosto muito da LIBRAS porque hoje a minha vida é muito melhor, me sinto bem para interagir com os surdos e com as outras pessoas também. Até com a minha família, mesmo que a minha mãe seja a única pessoa lá de casa que sabe um pouquinho de LIBRAS. Não tenho irmãos, sou filha única e meu pai não sabe LIBRAS, então com ele só oralizo.

Na escola, eu consigo aprender porque tenho a LIBRAS e a intérprete. Se não tivesse a intérprete, seria muito difícil, seria muito pior. Com a intérprete, é mais fácil me comunicar e aprender porque as coisas ficam bem mais claras porque ela me passa o que o professor está falando e quando eu quero falar com o professor, eu não preciso chamá-lo direto. A maioria dos surdos chama primeiro o intérprete porque é difícil se comunicar diretamente com o professor porque ele não entende o

surdo. Seria bem mais fácil se eles fossem bilíngues. Tendo a intérprete, fica bem mais fácil me comunicar com os professores, a comunicação fica mais leve. Além disso, sempre que eu preciso de alguma coisa na secretaria, a intérprete vai junto comigo.

Sinto que nesse ano, na minha sala, há preconceito. Eu sinto o preconceito sim, tenho poucos colegas, só uns dois ou três alunos. Mas, às vezes, é difícil interagir com eles porque a comunicação é difícil. Na hora do intervalo, eu consigo conversar com um amigo surdo de outra sala. Mas, na minha sala, é difícil alguém querer conversar comigo. Nunca vieram. Durante a aula da Educação Física, uma amiga sempre me chama para conversar, jogar vôlei, xadrez e outros jogos, coisas simples. Nada mais profundo porque qualquer outra coisa é sempre junto com o intérprete.

Para mim, seria bem melhor se a escola fosse de surdos. Eu realmente sinto que os ouvintes têm preconceito para com o surdo. Mas, na escola própria para o surdo não tem isso, não acontece preconceito. Fica fácil para se comunicar em LIBRAS, as coisas ficam mais leves, mais fáceis.

O Português é muito difícil para mim, tem muitas palavras que eu ainda não conheço, palavras que não têm sinal. É difícil. Mas eu pergunto para as pessoas, para qualquer pessoa e às vezes elas me explicam o sentido da palavra. Às vezes, quando eu leio alguma literatura e encontro uma palavra que não conheço, eu pulo a palavra e continuo a leitura. Depois volto naquela palavra, pergunto para as pessoas e quando elas me explicam e eu entendo, eu continuo a ler. Na hora de escrever também é bem difícil porque eu penso primeiro em LIBRAS e depois eu comparo, mas na hora de eu colocar no papel fica muito difícil, demora muito para pensar e depois escrever.

Eu tenho pouco interesse pela Matemática porque acho muito difícil. Tive uma amiga surda que estudou comigo da quinta até a oitava série que se interessava bastante pela Matemática e eu aproveitava isso e a chamava para me ajudar, para me ensinar a Matemática e ela me ajudava muito.

Quando tem prova eu fico bem nervosa. Já quando começa a prova eu sinto muita dificuldade, eu me sinto pesada para fazer. Sempre tem palavras que eu não

conheço e tem as perguntas... acho tão diferente aquelas perguntas... por isso demoro para responder. Acho que é pouco tempo para fazer a prova, algumas vezes eu deixo de responder por causa da falta de tempo. E quando termina, a maioria dos professores pede para eu entregar a prova na hora, mas alguns deixam que eu continue a fazer prova para entregar quando eu terminar.

Como eu só estudo, quando termina a aula, às vezes eu saio com os meus amigos para conversar, bater um papo em LIBRAS. Na verdade, a maioria dos meus amigos são surdos. Gosto de cinema e vou junto com meus amigos surdos. Sempre saio com eles, vamos a vários lugares. Mas, às vezes eu vou para casa e converso com a minha mãe, ela sabe um pouquinho de LIBRAS.

Fora da escola, algumas coisas são difíceis. Por exemplo, quando eu tenho que ir a uma loja comprar alguma coisa. Geralmente a pessoa não sabe LIBRAS e, nossa...! É bem difícil me comunicar! Tenho que ir apontando, eu quero isso, quero aquilo e a pessoa me entrega. É bem difícil sair sozinha para comprar, se alguém que sabe LIBRAS vai à loja comigo, as coisas ficam bem mais fáceis porque dá para ir perguntando o preço e a vendedora vai responder. É bem difícil ter alguma loja em que o vendedor sabe LIBRAS. Nunca encontrei.

Meus planos para o futuro? Eu quero fazer faculdade de fotografia e também tenho o sonho de viajar junto com os meus amigos surdos para me divertir e conversar porque eu gosto muito dos meus amigos.

As entrevistas apresentaram uma realidade de três pessoas diferentes, mas que com uma situação em comum: a surdez. Elas apresentaram alguns termos e situações comuns a quem vivencia esta realidade, que costumam não serem comuns a quem não a vive. Para mim, alguns desses termos eram desconhecidos ou erroneamente conhecidos se considerarmos aquilo já estabelecido nas pesquisas em educação de surdos.

Por conta disso, fui buscar na literatura elementos para entender essa realidade, estudando textos de Perlin (2001, 2004), Quadros (1997, 2004), Quadros e Karnopp (2004) e Skliar (2001) que esclarecem e discutem estas questões. Como forma de apresentação do meu estudo nesta pesquisa, optei por organizar minhas leituras e a minha construção de conhecimento na forma de um glossário⁶, cujo objetivo, é esclarecer e relacionar alguns dos termos surgidos nas narrativas das pessoas entrevistadas e também apresentar outros que são necessários para entendermos o cenário da educação de surdos no ensino regular.

⁶ Um glossário reúne explicações de conceitos relacionados a certo domínio de conhecimentos.

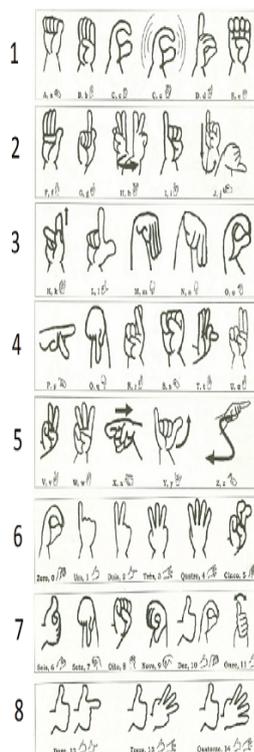
3. ESCLARECENDO CONCEITOS IMPORTANTES



Alfabeto Manual ou Datilologia

O alfabeto manual, na língua de sinais, é o conjunto de sinais utilizados para representar as letras do alfabeto. É um recurso de soletração, especialmente utilizado para soletrar nomes próprios e palavras que ainda não possuem sinal ou cujo sinal é desconhecido. Seu uso é feito, principalmente, por surdos e ouvintes alfabetizados.

A figura mostra uma parte do alfabeto manual. Nesse exemplo, as letras do alfabeto estão representadas nas linhas de um a cinco e os números de zero a quatorze correspondem ao que está representado nas linhas seis a oito.



Fonte: Adaptado de CAPAOVILLA, MAURICIO, MAURICIO, 2012

ASL

American Sign Language é a língua de sinais utilizada pela comunidade surda nos Estados Unidos. Também é utilizada em algumas regiões do Canadá e do México.



Bilinguismo

É uma das propostas de educação de surdos, que consiste basicamente, em tornar duas línguas acessíveis à pessoa surda. No Brasil, esta proposta é discutida desde no início da década de 70. Atualmente, tem ganhado muita força, pois muitos pesquisadores se mostram favoráveis e concordam que o sujeito surdo é bicultural e necessita aprender duas línguas de modalidades distintas. Esta abordagem propõe que a língua de sinais seja ensinada como primeira língua para pessoas surdas, desde a infância. Como a maioria dos surdos descendem de famílias ouvintes, é proposto que a língua dos parentes não seja ignorada por completo, sendo ensinada sua forma escrita, aos moldes de uma segunda língua.

Assim, a língua de sinais passaria a ser a língua materna da pessoa surda e a língua oral (na forma escrita) passa a ser sua língua segunda. Portanto, no contexto escolar, no ensino da língua sinais deveriam ser empregadas técnicas de ensino de língua materna. O Português deveria ser ensinado, para crianças surdas, com técnicas de ensino de segunda língua. (QUADROS, 1997)

Bimodalismo

Diante do fracasso das técnicas oralistas de educação de surdos, surge uma proposta que não mais enfatiza exclusivamente a forma oral de aquisição de uma língua, passando a utilizar a língua de sinais como recurso para ensinar a língua oral para crianças surdas. Surge então um sistema artificial chamado de português-sinalizado. (QUADROS, 1997)



Comunidade Ouvinte

Termo bastante utilizado em pesquisas referentes à educação de surdos para caracterizar as pessoas da classe dominante, os ouvintes que se impõem como maioria linguística, baseando seus costumes e sua cultura em estímulos auditivos.

Comunidade Surda

Entende-se cultura surda como a identidade cultural de um grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros grupos. Como a maioria das pessoas é ouvinte, estas vêm, ao longo dos anos, impondo aos surdos sua língua e sua cultura, escondendo-os e discriminando-os.

A comunidade surda é o lugar onde as pessoas surdas trocam experiências e fortalecem sua cultura, unindo forças contra a repressão ouvinte. Essa cultura apresenta características específicas de natureza visual-espacial, traduzindo-se em forma visual-espacial. As formas de organização do pensamento e da linguagem se diferenciam substancialmente das formas ouvintes.

A existência das Comunidades Surdas é de extrema importância para o surdo, pois o encontro entre surdos é essencial para a construção da identidade surda já que “dentro da cultura ouvinte a identidade do surdo é reprimida, se rebela e se afirma” podendo assim adquirir e fortalecer sua cultura surda. (PERLIN, 2001)

Cultura Surda

Considerando a surdez como sendo essencialmente uma diferença, temos a evidência de uma cultura surda. De acordo com Perlin (2004), cultura surda é “cultura no momento em que a diferença cultural do surdo emerge da cultura dominante, onde o surdo desloca-se da cultura ouvinte para outra, lidando com a problemática de uma cultura própria”. É definida pela prática social dos surdos, que se difere da prática dos ouvintes. Por exemplo, o homem surdo pode ter um jeito diferente de usar sinais se comparado ao uso realizado por uma mulher surda, apresentando diferenças em suas identidades surdas. (PERLIN, 2004)



Deficiente auditivo

Aplicando o conceito de identidades surdas de Perlini (2001), podemos definir como deficiente auditivo o surdo que se enxerga como membro da cultura ouvinte de tal forma que chega a aceitar o termo deficiente por não ser um ouvinte “completo”.

Diferença/Diversidade

Skliar (2001) define surdez como sendo uma “diferença política”, pois entende que “surdez é uma diferença” por pertencer a uma cultura diferente, que se comprova por “construção histórica e social, efeito de conflitos sociais, ancorada em praticas de significação e de representação compartilhada entre os surdos”. O autor não aceita o termo diversidade, pois acredita que “cria um falso consenso de que hospeda os diversos, porém mascara normas etnocêntricas e serve para conter a diferença”. (SKLIAR, 2001)

Decreto nº 5.626/2005

É um decreto federal, assinado no Governo de Luis Inácio Lula da Silva que regulamenta a Lei 10.436⁷ de 24 de abril de 2002 e o artigo 18 da Lei 10.098⁸ de 19 de dezembro de 2000.

Neste decreto, dispõe-se sobre: a inclusão da LIBRAS como disciplina curricular; a formação do professor de LIBRAS e do instrutor de LIBRAS; o uso e a difusão da LIBRAS e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação; a formação do tradutor e intérprete de LIBRAS - Língua Portuguesa; a garantia do direito à educação das pessoas surdas ou com deficiência auditiva. Discorre, ainda, sobre a garantia do direito à saúde das pessoas surdas ou com deficiência auditiva e sobre o papel do poder público e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos, no apoio ao uso e difusão da LIBRAS. (BRASIL, 2005)

⁷ Dispõe sobre a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.

⁸ Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.



Educação Matemática para Surdos

A Educação Matemática é uma área de pesquisa já consolidada em nosso país, tendo como um de seus campos de discussão, a Educação Matemática Inclusiva, onde encontram-se alguns estudos sobre o ensino e a aprendizagem de Matemática para alunos surdos e as questões sobre a existência de barreiras educacionais. A produção atual em Educação Matemática para Surdos ainda é relativamente escassa, havendo um grande espaço para a inserção de novas pesquisas.

Escola Bilíngue

No que se refere a educação de surdos, o termo Escola Bilíngue se refere às escolas que atendem de forma exclusiva alunos surdos ou que possui turmas exclusivas para surdos. É necessária a atuação de professores e/ou demais profissionais que dominem a LIBRAS e o Português, quer sejam surdos ou ouvintes.

Estudos Surdos em Educação

Como é denominado o programa de pesquisa em educação que, segundo Skilar (1998), possui foco nas identidades, nas línguas, nos projetos educacionais, na história, na arte, nas comunidades e nas culturas surdas. Onde todos estes aspectos são “entendidos como diferenças, a partir do seu reconhecimento político.” (SKILAR, 1998)



Identidades Surdas

Hoje, vivemos em espaços multiculturais e os surdos convivem com as demais culturas, entre elas a cultura dominante, tendo que viver e defender a sua própria cultura. Perlin afirma que as pessoas surdas possuem identidades próprias as quais são exclusivas de uma pessoa surda. “As identidades estão aí, não se

diluem totalmente no encontro ou na vivência em meios socioculturais ouvintes”. Perlin (2001) assim as classifica:

- **Identidade surda:** Quando o surdo aceita-se como surdo, sabe que é surdo e assume um comportamento de pessoas surdas. Frequenta e participa de grupos, associações, e/ou órgãos representativos da comunidade surda, buscando passar aos outros surdos sua cultura, sua forma de ser diferente. Valoriza a língua de sinais, usando frequentemente para se expressar, inclusive respeitando sua estrutura na escrita e costuma usar as tecnologias próprias para surdos como legenda e sinais na TV, telefone especial, campanha luminosa. Em suma, assume a cultura surda como sua própria e busca a união de seus pares e luta ativamente por seus direitos, sendo uma identidade fortemente marcada pela política surda.
- **Identidade surda híbrida:** São os surdos que nasceram ouvintes e tornaram-se surdos com o tempo, sua relação com a comunidade surda depende da idade e do nível de escolarização em que se tornaram surdos. Já conhecem a estrutura do Português falado e o usam como língua. Captam a forma visual-espacial da comunicação, a passam para sua primeira língua e depois para a língua de sinais. Porém, sua identidade tende a assumir a identidade surda;
- **Identidade surda de transição:** são os surdos que primeiramente foram expostos à comunidade ouvinte e suas experiências auditivas, para posteriormente entrar em contato com a comunidade surda e suas experiências visuais. A maioria dos surdos passa por essa transição, pois é proveniente de famílias ouvintes. Quando entram em contato com a comunidade surda, suas vidas mudam.
- **Identidade surda incompleta:** são os surdos que vivem identidades ouvintes por não conseguirem manter contato com a comunidade surda, devido a forte e silenciosa repressão da ideologia dominante;
- **Identidade surda flutuante:** são surdos com identidades fragmentadas, que podem ou não ter a consciência de ser surdo. Sendo vítimas da ideologia dominante, a reconhecem como sua. Em muitos casos chegam a desprezar a cultura surda, não mantendo compromisso com a comunidade surda. Porém, não conseguem se inserir totalmente na comunidade ouvinte

nem na surda por falta de comunicação, pois acabam não dominando nem o Português nem a LIBRAS.

Intérprete

Pessoa que interpreta de uma língua (língua fonte) para outra (língua alvo) o que foi dito. (QUADROS, 2004)

Intérprete de Língua de Sinais (ILS)

Pessoa que interpreta de uma língua de sinais para outra língua, ou desta outra língua para uma determinada língua de sinais.(QUADROS, 2004)

Intérprete de Língua de Sinais Educacional

Pelo Decreto 5.626/2005, “a formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa”.(BRASIL, 2005)

Na escola, este profissional acompanha os alunos surdos em suas aulas, com o intuito de interpretar o que esta sendo dito em Língua Portuguesa para a LIBRAS. Isso exige que o Intérprete possua domínio da língua de sinais e que conheça sinais de termos técnicos de todas as disciplinas. Para Quadros, esta função possui alto grau de complexidade, ainda mais quando acontece em caráter simultâneo, o que é o caso da escola, pois o ato de interpretar é um processo cognitivo-linguístico que:

processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente possível da informação dada na língua fonte. Assim sendo, o intérprete também precisa ter conhecimento técnico para que suas escolhas sejam apropriadas tecnicamente. Portanto, o ato de interpretar envolve processos altamente complexos. (QUADROS, 2004)

Nas aulas de Matemática, pelo fato dessa disciplina se utilizar de uma linguagem própria, pode-se acarretar uma situação ainda mais complexa, tanto na compreensão da simbologia matemática quanto na interpretação de seus conceitos abstratos.

Instrutor de LIBRAS

Profissional surdo habilitado com profundo conhecimento da LIBRAS que, além de ensinar os sinais da língua, intermedia a cultura surda.



Gesto

Movimento espontâneo do corpo, voluntário ou involuntário, especialmente das mãos, braços e cabeça que revela estado psicológico ou intenção de exprimir ou realizar algo. O conceito de gesto é diferente do conceito de sinal utilizado na língua da comunidade surda.



Lei nº 10.436/2002

Reconhece a Língua de Sinais Brasileira, garante o apoio do poder público na difusão da LIBRAS e institui que a LIBRAS não pode substituir a modalidade escrita da língua portuguesa. (BRASIL, 2005)

Língua

É um sistema de signos compartilhados por uma comunidade linguística. Estes signos podem ser basicamente sons ou sinais, eles são expressões de diferentes línguas. A língua é um fato social, construída pelas trocas sociais, culturais e políticas de uma determinada comunidade linguística. Diferentes comunidades linguísticas possuem línguas distintas. (QUADROS, 2004 p.7)

Língua Artificial

Diferente das línguas naturais, são línguas construídas por um pequeno grupo de pessoas a partir de objetivos definidos e preestabelecidos. Possuem diversas funções: podem servir como códigos secretos, experimentos lógicos, facilitadoras na comunicação e até mesmo para literatura ou prazer.

Alguns exemplos dessas línguas são a interlíngua e o esperanto (criadas com o objetivo de facilitar e simplificar a comunicação de pessoas de diferentes países), Valarin (criada por John Ronald Reuel Tolkien) e até mesmo a Matemática.

Linguagem

Possui significado mais abstrato e amplo do que língua. Refere-se ao conhecimento interno dos praticantes de uma língua, ao modo que estes praticantes expressam suas ideias e sentimentos, abrangendo outras expressões linguísticas como as corporais, mímicas, gestos etc. E ainda, se aplica a outros sistemas de comunicação, notação ou cálculo que são sistemas artificiais e portanto não naturais. (QUADROS , 2004 p.8)

Língua Materna

É a primeira língua que a pessoa aprende em um ambiente natural e adequado de aquisição. Por vezes, usa-se o termo “primeira língua” como sinônimo de língua materna. Porém, o termo língua materna se aplica também à língua que a pessoa utiliza espontaneamente, mesmo que esta não seja a primeira língua aprendida. Em alguns estudos sobre o ensino e aprendizagem de surdos, é utilizada a sigla L1 para este termo.

Língua Natural

São línguas que se desenvolvem de forma natural, não premeditada. Normalmente são utilizadas para a comunicação. Possuem gramática e sintaxe e apresentam recursividade, criatividade e múltiplas funções. Em outras palavras, são línguas que possuem um número finito de regras, que possibilitam a formação de infinitas frases distintas, são criativas e dispõem de diferentes funções: informativa, argumentativa, poética, conotativa, persuasiva, emotiva, entre outras. Por todas essas características, se diferenciam das línguas artificiais. (QUADROS, 2004 p.24 a 31)

Língua Segunda

Língua materna de uma comunidade que passa a ser aprendida por pessoas de outras comunidades, ou por pessoas da mesma comunidade que possuem outra língua materna, no caso de comunidades multilinguísticas. Em alguns estudos surdos, é utilizada a sigla L2 para este termo.

Línguas de Sinais

São línguas cujos signos são formados por gestos em vez de sons, por isso sua natureza é visual-espacial ou gestual-visual. Também são conhecidas como línguas gestuais. A mensagem é articulada por gestos realizados principalmente com as mãos, em conjunto com expressões faciais e corporais, realizados em determinada locação de espaço. Este espaço é a frente do corpo, geralmente limitando-se à região entre a cintura e o topo da cabeça de quem profere a mensagem.

Devido à natureza visual-espacial, não oral-auditiva do surdo, a aquisição de uma língua cuja mensagem é captada pelos olhos, não pelos ouvidos, se dá de forma mais natural do que aquisição de línguas orais. Por esta razão, são línguas amplamente utilizadas pelas comunidades surdas.

Estas línguas apresentam propriedades específicas das línguas naturais (como: gramática, sintaxe, generatividade e criatividade) e, portanto, são reconhecidas enquanto línguas pela Linguística. Cada país possui uma língua de sinais própria, porém em sua maioria derivam da língua de sinais francesa.

Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS)

Língua utilizada pelas comunidades surdas brasileiras, podendo também ser identificada pela sigla LSB. Considerado uma conquista por estas comunidades, o Decreto nº 5.626/05, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, garante ao surdo o direito de utilizar a LIBRAS como primeira língua nos ambientes com os quais convive, tendo o Português como sua segunda língua.

Perante a lei, a LIBRAS é entendida como:

“a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.” (BRASIL, 2002)

A LSB é uma língua com estrutura gramatical própria, que se baseia em expressões visuais para estabelecer a comunicação, sendo diferente da Língua Portuguesa. Assim como outras línguas de sinais, a LIBRAS utiliza as mãos como base principal para a construção dos sinais, embora outras expressões corporais e faciais também sejam usadas.

Existem muitas diferenças entre a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa, a começar que a primeira é visual-espacial e se baseia em experiências visuais enquanto que a outra é oral-auditiva constituída por sons, mesmo no que diz respeito a sua forma escrita.

A utilização do verbo é diferente em LIBRAS, sendo utilizado no infinitivo sem conjugação de tempo. A concordância do verbo com o sujeito ou com o objeto da frase é feita de forma distinta do que acontece na Língua Portuguesa; o verbo é chamado de verbo direcional. Além disso, não existe diferenciação de gênero na língua de sinais. (QUADROS; KARNOPP, 2004)

Em LIBRAS, as frases não apresentam a mesma construção gramatical da Língua Portuguesa, não sendo utilizadas preposições e artigos porém mantendo a ordem básica da frase, que é uma combinação de sujeito, verbo e objeto. Geralmente, cada sinal é associado a um significado enquanto que no Português uma mesma palavra pode possuir vários significados. Por exemplo, a palavra manga pode se referir à fruta ou à parte da roupa que cobre o braço.

Segundo Quadros e Karnopp, existem sinais que são articulados por uma única mão, sendo que um mesmo sinal pode ser realizado com qualquer uma das mãos, não afetando o significado do sinal. Normalmente, os sinais são realizados pela mão direita quando a pessoa é destra e pela esquerda quando é canhota. Mas, também existem sinais que são articulados pelas duas mãos sendo que neste caso ocorrem restrições em relação ao tipo de interação das mãos. (QUADROS; KARNOPP, 2004)

Linguística

É o estudo científico das línguas naturais humanas. (QUADROS, 2004 p.15)



Modalidades ou natureza das línguas

São as possíveis classificações das línguas humanas, que podem ser oral-auditiva, visual-espacial e gráfica-visual. Estes termos aparecem em estudos surdos para definir a natureza das línguas. Uma língua falada é de natureza oral-auditiva,

ou seja, utiliza a audição para compreender os sons e a articulação do aparelho vocal para reproduzir estes sons que formam as palavras dessas línguas.

Uma língua visual-espacial utiliza a visão e o espaço para compreender e produzir os sinais que formam as palavras nessas línguas, que é o caso das línguas de sinais. Tanto uma língua falada como uma língua sinalizada podem ter representações numa modalidade gráfica-visual, pois ambas podem possuir uma representação escrita. (QUADROS, 2004)



Oralismo

Forma institucionalizada do ouvitismo que são as representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos, na qual o surdo é obrigado a assumir-se como se fosse um ouvinte, gerando as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte enfatizando os mecanismos de poder da dominação da cultura ouvinte sobre a surda. (SKILAR, 2001)

Esta ideologia já era praticada em vários lugares do mundo, mas implantou-se decisivamente após o Congresso de Milão em 1880, quando, segundo Skilar, renomadas escolas para surdos passaram a abolir o gestualismo, dando lugar “a palavra pura e viva, a fala”, originando então a educação oralista, que se fundamenta na recuperação da pessoa surda, chamada de deficiente auditiva. Este método enfatiza a língua oral. Segundo Quadros, um de seus grandes problemas é aquisição da linguagem oral.

Apresentando dados de pesquisas americanas, Quadros afirma que uma criança surda em processo de oralização só é capaz de captar 20% da mensagem através da leitura labial. Além disso, sua comunicação oral é prejudicada por pessoas que não convivem com ela diariamente e não estão habituadas a falarem e escutarem pessoas surdas. (QUADROS, 1997)

Ouvintes

São pessoas que percebem o mundo a sua volta por meio de experiências basicamente auditivas. Porém, o termo ouvinte é mais comumente utilizado em estudos sobre surdos e surdez, referindo-se a todos aqueles que não compartilham das experiências visuais da mesma forma que as pessoas surdas. (QUADROS, 2004)

Ouvitismo

Fenômeno que consiste em impor aos surdos à cultura ouvinte, exigindo dele que escreva, pense e se comporte como se fosse um ouvinte, não respeitando suas particularidades cognitivas, comportamentais e culturais. Eram amplamente empregados na educação de surdos e ainda hoje são impostos, em alguns casos, principalmente pelas famílias e em diversos ambientes da sociedade, como estabelecimentos comerciais e culturais, além do próprio ambiente de trabalho. (SKILAR, 2001)



Política Estadual de Educação de Surdos (Santa Catarina)

De acordo com o documento sobre as políticas do Estado de Santa Catarina (2004) para a educação de surdos, devem ser ofertadas turmas com o ensino em LIBRAS para turmas de Educação Infantil: Creche (0 a 3 anos) e Pré-escola (4 a 6 anos); e para as séries iniciais do Ensino Fundamental (1ª a 4ª série). São turmas exclusivas para alunos surdos, onde os conceitos e conteúdos das disciplinas do currículo devem ser ministrados pelo professor bilíngue com o uso da Língua Brasileira de Sinais nas escolas-pólo⁹; além de contarem com a atuação de um instrutor ou monitor de LIBRAS.

Para as séries finais do Ensino fundamental e para o Ensino Médio, regulamenta a oferta de turmas mistas com professor intérprete. São turmas

⁹ Segundo o mesmo documento, são escolas que: “preferencialmente agreguem a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio; tenham uma localização privilegiada e de fácil acesso e comportem uma reorganização de espaço físico.”

constituídas por alunos surdos e ouvintes no ensino regular. Os conceitos e conteúdos das disciplinas do currículo, devem ser ministradas pelo professor da disciplina e deve contar com um professor intérprete, que fará a interpretação em LIBRAS dos conteúdos ministrados. As turmas devem ser compostas, no máximo, por 15 alunos surdos. Os professores de cada disciplina curricular deverão ser preferencialmente, surdos. Caso não tenha professores surdos, serão priorizados: professor ouvinte bilíngue ou professor ouvinte com intérprete em sala de aula. O intérprete deverá ser contratado, preferencialmente, por áreas de conhecimento: Códigos e Linguagem, Ciências da Natureza, Matemática e Ciências Humanas. (SANTA CATRINA, 2004)

PROLIBRAS

De acordo com o INEP¹⁰, é um exame, em nível nacional, que visa a disponibilizar uma certificação de proficiência em LIBRAS. Garante a competência necessária para três tipos de atuação profissional que exigem fluência em LIBRAS: Professor de LIBRAS; tradutor e intérprete de LIBRAS; instrutor de LIBRAS. Para os dois primeiros, exige-se diploma de formação superior e para o último exige-se nível médio de escolarização.

Em 2013, foi realizada sua sexta edição, sendo organizada pelo INES desde 2011. As quatro primeiras edições foram realizadas em ação conjunta do MEC, Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



Salas de Recursos para Surdos

Salas inseridas em escolas-pólo somente nas localidades onde houver educandos surdos e ainda não houver turmas com ensino em LIBRAS. Ações pedagógicas específicas: mediar o processo de aquisição do conhecimento

¹⁰ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Acessado em: <http://portal.inep.gov.br/prolibras1>

adotando a LIBRAS como modalidade de comunicação; trabalhar o Português como segunda língua; proporcionar a aquisição da Língua Brasileira de Sinais a partir do trabalho desenvolvido pelo Instrutor de LIBRAS; proporcionar estágio para o Instrutor de LIBRAS nas escolas onde existem um trabalho semelhante; proporcionar estágio para os professores ouvintes bilíngues nas escolas onde existem um trabalho semelhante. (SANTA CATRINA, 2004)

SignWriting

Sistema de escrita em língua de sinais. Representa os sinais em modo gráfico e esquemático. Foi criado em 1974, por Valerie Sutton, diretora da DAC¹¹ (STUMPF, 2004)

Sinal

Signo linguístico na língua de sinais que transmite uma informação convencionada pela comunidade surda para promover a comunicação. Difere-se do gesto espontâneo por seu caráter de código compartilhado e estruturado em uma língua.

Soletrar

Fazer a datilologia das letras, uma a uma, correspondente a uma palavra em uma língua oral-auditiva.

Surdez

Consiste em uma percepção de mundo essencialmente visual, caracterizada, clinicamente, pela diminuição parcial ou total da acuidade auditiva e percepção auditiva, dificultando a aquisição de uma linguagem oral de forma natural, porém facilitando a aquisição de línguas de natureza visual-espacial como é o caso das línguas de sinais. (QUADROS , 2004)

O termo também se refere a uma minoria linguística que faz uso de outra língua, a Língua de Sinais. Neste caso é ressaltada a diferença linguística entre dois grupos culturais, surdos e ouvintes. (KLEIN, 2004)

¹¹ *Deaf Action Commitee*. Organização sem fins lucrativos sediada na Califórnia USA.

Surdos

São as pessoas que se identificam enquanto surdas, pertencentes a um mundo de experiências visuais e não auditivas. “O surdo é surdo em relação à experiência visual e longe da experiência auditiva” (PERLIN, 2001).



Tradutor

Pessoa que traduz de uma língua para outra, tecnicamente aplicado para textos escritos. Ou seja, o trabalho de um tradutor concentra-se em textos escritos e como resultado obtém outro texto escrito. (QUADROS, 2004)

Tradutor-intérprete

Pessoa que traduz e interpreta o que foi dito e/ ou escrito. (QUADROS, 2004)

Tradutor-intérprete de língua de sinais (TILS)

Pessoa que traduz e interpreta a língua de sinais para a língua falada e vice-versa em quaisquer modalidades que se apresentar (oral ou escrita). Inicialmente, as atividades de tradutores e intérpretes de línguas de sinais eram realizadas voluntariamente, geralmente por pessoas ligadas a alguma pessoa surda, tais como parentes, amigos e vizinhos.

Segundo Quadros, estas atividades passaram a ser reconhecidas profissionalmente à medida que o surdo passou a exercer a cidadania em conjunto com o reconhecimento das línguas de sinais enquanto língua. Com a participação dos surdos nas discussões sociais, veio a conquista de seu direito linguístico e as instituições se viram obrigadas a garantir acessibilidade através do profissional intérprete de língua de sinais. (QUADROS, 2004).

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa qualitativa em Educação Matemática que utilizou a História Oral, como discutida pelo GH OEM¹² e por autores como Meihy e Ribeiro (2011), Alberti (2005) e Vianna (2008) para conhecer um pouco da realidade da escolarização de surdos no Ensino Regular de modo a construir um cenário para o estudo da realidade em torno da cultura surda. Para isso, foram realizadas entrevistas com três colaboradores: uma aluna surda do Ensino Regular de uma escola estadual pública, a intérprete educacional que a acompanha no seu dia a dia na escola e o seu professor de Matemática. As textualizações das entrevistas montaram um cenário das relações estabelecidas entre essas três pessoas, possibilitando o estudo e a discussão de termos relacionados com essa realidade que foram organizados na forma de um glossário com o objetivo de divulgar e esclarecer essas questões.

De acordo com Meihy (2002):

A História Oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva. (MEIHY 2002)

Assim, a História Oral foi utilizada nesta pesquisa para contar uma história viva relacionada com as experiências e vivências acerca da educação para surdos.

O debate sobre a História Oral possibilita reflexões sobre o registro dos fatos na voz dos próprios protagonistas. A História Oral utiliza-se de metodologia própria para a produção do conhecimento. Sua abrangência, além de pedagógica e interdisciplinar, está relacionada ao seu importante papel na interpretação do imaginário e na análise das representações sociais. (FREITAS, 2006)

Ainda de acordo com a autora, “História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”. (FREITAS, 2006)

Tais procedimentos articulados estão relacionados com o tratamento dado às entrevistas, principalmente aos passos de transcrição e textualização, como descritos por Gattaz (1996)

¹² Grupo História Oral e Educação Matemática, criado no ano de 2002.

Assumindo que a História Oral concretiza-se somente quando chega ao texto, superando a etapa da entrevista e da formação de arquivos, deve haver um processo de "transcrição" das entrevistas que assegure a formação de um corpo documental a ser trabalhado pelo historiador. [...] Para que o narrador reconheça-se no texto da entrevista, é preciso que a transcrição vá além da passagem rigorosa das palavras da fita para o papel. A transcrição literal, apesar de extremamente necessária, será apenas uma etapa na feitura do texto final, que chamo de textualização, por ser ao fim e ao cabo um modo de se reproduzir honesta e corretamente a entrevista em um texto escrito. (GATTAZ, 1996)

Estes foram, então, os fundamentos metodológicos que conduziram a realização das entrevistas cujo processo começou com o envio de uma carta de apresentação¹³ aos colaboradores para esclarecimento dos objetivos da pesquisa como um primeiro contato desse projeto em História Oral.

Cada um dos colaboradores que apresentou suas narrativas durante a entrevista recebeu um roteiro¹⁴ com palavras-chaves ligadas ao tema e ao objetivo da pesquisa. Eles foram orientados de que não precisariam seguir nenhuma ordem específica nem tampouco seriam obrigados a falar sobre tudo. A função do roteiro era de nortear a pesquisa para que as narrativas se aproximassem do tema de pesquisa. Por conta disso, o roteiro não foi organizado em forma de perguntas diretas e sim em tópicos que poderiam ser escolhidos livremente e em qualquer ordem pelos colaboradores durante a entrevista.

As narrativas das entrevistas do professor de Matemática e da intérprete educacional foram gravadas com um equipamento gravador de voz, procedimento comumente adotado neste tipo de metodologia. Mas, a entrevista da aluna surda foi realizada com o apoio de uma intérprete e registrada com uma máquina filmadora, capturando a imagem da aluna e da intérprete se comunicando em LIBRAS e o áudio da intérprete fazendo a voz da aluna. Nesta condição especial, tivemos a imagem e o áudio para registro das narrativas.

Na tabela abaixo, estão relacionadas datas, local e duração de cada uma das entrevistas realizadas com os colaboradores.

Nome	Data	Local	Duração
------	------	-------	---------

¹³ Ver apêndice A.

¹⁴ Cada colaborador recebeu um roteiro específico. O roteiro que foi apresentado para o professor, a intérprete e a aluna estão respectivamente nos apêndices B, C, D.

Kerolin Stefani Moreira	26/04/2013	SESI Escola	1h 19min
Edson Alves de Araújo	29/04/2013	Laboratório de Matemática UDESC	17 min
Amanda Caroline Godoy	16/05/2013	Sala de recursos para alunos cegos, na Escola Germano Timm	15 min

Fonte: produção do próprio autor

Os entrevistados mostram-se interessados no tema e abordaram, a sua maneira, os tópicos do roteiro proposto. As entrevistas da intérprete e do professor necessitaram apenas de um gravador de áudio para seu registro. A entrevista com a aluna, por conta da justificada necessidade, foi também registrada com imagens com o objetivo de capturar também a narrativa dos sinais. Essa foi uma interessante e rica experiência. Estavam na sala a aluna, a intérprete que a acompanha nas aulas (que é a mesma que também colaborou nesta pesquisa) e eu. Antes do início da gravação em vídeo e áudio, a intérprete explicou para a aluna o conteúdo da carta de apresentação e do roteiro. A aluna, então, leu todas as palavras e as traduziu para LIBRAS para que a intérprete verificasse a sua interpretação. Porém no momento da entrevista, a aluna não ficou de posse do roteiro, pois ela e a intérprete sentaram-se a certa distância da mesa que servia de apoio para a câmera filmadora. Desta forma, eu fui lembrando à intérprete os tópicos a serem abordados à medida que a aluna terminava a sua narrativa.

Depois de realizadas as entrevistas, fiz a transcrição dos depoimentos. Neste processo, digitei todo o conteúdo que ouvia do áudio gravado das entrevistas, mantendo, inclusive, como recomenda a metodologia da História Oral, os vícios de linguagens e repetições das falas dos colaboradores. Foi, na minha opinião o processo mais cansativo, principalmente na entrevista da intérprete, que foi muito longa. Utilizei a versão gratuita do *software Express Scribe*¹⁵ para realizar a transcrição, que facilitou muito a execução desta tarefa, pois permitiu que eu controlasse a reprodução do áudio utilizando atalhos no teclado sem que precisasse

¹⁵ <http://www.nch.com.au/scribe/index.html>

sair do editor de texto. Infelizmente, este programa só suporta plataformas de áudio não comportando arquivos de vídeo.

No caso da entrevista da aluna, converti o vídeo para um arquivo somente com áudio e fiz a transcrição da “voz da Amanda”, feita pela sua intérprete. Depois, a minha coorientadora (que também é intérprete de LIBRAS) e eu assistimos o vídeo para verificarmos as transcrições realizadas, com a autorização da intérprete da aluna.

Após as transcrições, vieram as textualizações. Textualizar o texto que foi transcrito consiste em adaptar as narrativas transcritas na forma de textos, conforme apontado por Gattaz (1996):

A textualização deve ser uma narrativa clara, onde foram suprimidas as perguntas do entrevistador; o texto deve ser "limpo", "enxuto" e "coerente" (o que não quer dizer que as idéias apresentadas pelo entrevistado sejam coerentes); sua leitura deve ser fácil, ou compreensível, o que não ocorre com a transcrição literal, apresentada por alguns historiadores como "fiel" ao depoimento, porém difícil de ser analisada como documento histórico. (...) Assume-se, portanto, que a textualização final da entrevista é de autoria do historiador, sendo o depoente um colaborador para a fabricação deste novo documento. (GATTAZ, 1996).

Depois de cada uma das entrevistas textualizadas, os textos resultantes foram enviados para validação dos colaboradores que assinaram um documento de autorização para a publicação dos textos nesta pesquisa.

Além do processo das entrevistas realizado de acordo com a História Oral, fiz um estudo bibliográfico sobre a educação para surdos, com o intuito de colaborar com uma maior compreensão das especificidades do tema. Minhas orientadoras e eu escolhemos apresentar esse estudo na forma de um glossário, devido à natureza organizada e objetiva desse modelo de apresentação. Decidimos também montar um *blog*¹⁶ para inicialmente divulgarmos o glossário e os frutos de nossa pesquisa, e posteriormente atualizarmos com temas relevantes à Educação Matemática para surdos.

¹⁶ <http://matematicaesurdez.blogspot.com.br/>

5. MINHAS REFLEXÕES ACERCA DO TEMA

As entrevistas realizadas nesta pesquisa me proporcionaram conhecer a realidade da vida escolar de alunos surdos no Ensino Regular por meio de um cenário traçado, composto pelas vivências de uma aluna surda, sua intérprete e seu professor de Matemática. A colaboração destas três pessoas, compartilhando suas concepções e sentimentos, foi muito importante tanto para a conclusão deste trabalho quanto para minha experiência como futura professora de Matemática. Além disso, pude conhecer com mais profundidade as nuances da educação de surdos em nosso país.

Esta minha atividade de pesquisa, na conclusão do meu curso de Licenciatura em Matemática, me trouxe informações interessantes que me impulsionaram a querer conhecer mais sobre esta realidade. Uma parte desse “querer conhecer mais” já aparece no texto do meu trabalho quando apresento o glossário como resultado do estudo bibliográfico que fiz a partir das narrativas textualizadas das entrevistas. Acredito que esse glossário pode contribuir sendo uma fonte de informação para meus colegas de curso e profissão, bem como para outros interessados no tema, caso queiram esclarecer certos conceitos.

Percebi, a partir das entrevistas que realizei, questões que podemos encontrar problematizadas em vários estudos sobre a educação de surdos, comprovando a importância de serem cada vez mais discutidas: as diferenças entre a LIBRAS e a língua portuguesa, as dificuldades que as crianças surdas encontram ao aprender a língua oral, o ritmo diferente dos alunos surdos devido a todo o processo de tradução e aprendizagem, diferença cultural entre surdos e ouvintes, falta de preparação da escola e dos professores.

Um dos motivos que me levaram a realizar esta pesquisa foi o sentimento de despreparo que tenho ao concluir minha graduação. Sei que o curso superior deve seguir uma matriz curricular que, muitas vezes, limita o acesso a determinados conhecimentos, mas também acredito que, talvez, sentir-se preparado para encarar uma sala de aula com todos os desafios que possamos lá encontrar, jamais será um sentimento plenamente alcançado.

Tomando-me como exemplo, posso dizer que há pouco mais de quatro meses eu não tinha conhecimento de fatos, por vezes, comuns a quem convive com realidade do surdo, tanto de verdades derivadas da prática da LIBRAS quanto de verdades intrínsecas ao ser humano, como o fato de que cada pessoa carrega consigo sua cultura, que aflora quando entramos em contato direto ou indireto com ela. Ou seja, quando conversamos com surdos, ou sobre um surdo, naturalmente sua cultura se mostra, revelando várias de suas facetas, algumas comuns e outras totalmente distintas da cultura dominante. A relevância da cultura surda em prol das conquistas da comunidade surda, justifica sua inclusão no título do trabalho. Mesmo sendo uma verdade desconhecida no início, hoje compõe uma miríade de conhecimentos adquirida na realização dessa pesquisa.

Identifico também, a partir da utilização da metodologia da História Oral na condução das entrevistas, que envolveram a gravação, a transcrição, a textualização e a validação, que existem pontos de conflito relacionado ao cenário da sala de aula de alunos surdos. Vou apontar alguns deles na forma de perguntas, não que eu esteja nesse momento, procurando por respostas imediatas, mas sim propondo reflexões que tenham a marca da interrogação crítica:

Qual o papel do intérprete educacional na sala de aula?

Por que é comum confundir o papel do intérprete com o de segundo professor?

A realidade do surdo na escola é incompreendida?

Quem é responsável pela capacitação dos professores para o trabalho com alunos surdos?

Qual o papel dos cursos de licenciatura neste contexto?

Como a escola deve se preparar para receber alunos surdos em todos os seus espaços?

Enxergo a confusão sobre o papel do intérprete em sala de aula como uma consequência natural da falta de informação da escola e dos profissionais da educação em geral, com exceção do intérprete que parece ter mais clareza de sua função, por consequência de sua profissionalização. A questão sobre a quem o intérprete serve também cabe nessa discussão: ao aluno ou ao professor?

Como futura educadora, me preocupa o fato de ter dentro da sala de aula alunos que eu não consigo atingir não por falta de conhecimento do conteúdo específico, mas sim por falta de conhecimento sobre como tratar as diferenças e/ou diversidades.

Outro ponto que me chamou a atenção é a questão do preconceito, que por mais próximos que sejamos ou que queremos estar, muitas vezes não conseguimos saber exatamente como o outro se sente, pois certas coisas corriqueiras podem parecer normais, para a maioria, mais podem ser ofensivas para outros.

Explicar o preconceito que os surdos sofrem pode não ser tarefa fácil nem mesmo para eles próprios. Pois, o jeito de ser ouvinte é tão “natural” para o ouvinte que ele não percebe as várias formas de manifestação desse preconceito. Por exemplo, o próprio termo “Língua” já carrega consigo certa discriminação, no momento que faz analogia direta à fala oral. As línguas de sinais estão aí para desmitificar o conceito de que a comunicação só acontece por intermédio de línguas orais.

Uma pesquisa como essa abre caminhos para novos estudos devido aos questionamentos deixados em aberto pela complexidade do tema. Assim, identifico algumas possibilidades de estudos futuros: realização de pesquisas focadas nos processos de ensino e aprendizagem de Matemática de forma focada em alunos surdos ou em turmas mistas; elaboração e aplicação de métodos visuais para o ensino da Matemática para surdos ou para turmas mistas; elaboração e aplicação de estudos sobre os processos cognitivos utilizados pelos surdos, uma vez que possuam uma língua de modalidade espaço-visual diferente da visual-oral e aplicação da metodologia da História Oral para pesquisar a atuação de surdos nos ramos da Matemática.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2ed. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2004, v.1. 235p.

BORGES, Fábio Alexandre; NOGUEIRA, Clélia Maria Ignatius. Uma análise das aulas de matemática para alunos surdos em uma turma do 9º ano do ensino fundamental. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. , n. 1, ago./dez. 2012.

BRASIL. **Lei no 10.436**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras – e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 24 abr. 2002.

_____. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, DF, 2000.

_____. **Portaria Normativa nº 11 de 09 de agosto de 2006**. Institui o Programa Nacional para Certificação de Proficiência em LIBRAS e para Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação de Libras - Língua portuguesa – Prolibras, DF, 2006.

_____. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>> Acesso em: 8 mar. 2013.

CAPAOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURICIO, Aline CRISTINA L. **Linguagem Gestual (Dicionários) - LIBRAS: Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) Baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas. Volume I: Sinais de A a H / 2ed. Rev. E ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: CNPq: Capes: Obeduc 2012. vol 1; i.l.; 28 cm p. 163 e 164 [Educação Especial (Dicionários)]**

COUTINHO, Maria Dolores Martins da Cunha. A mediação de Esquemas na Resolução de Problemas de Matemática por Estudantes Surdos. **Espaço**: informativo técnico-científico do INES. Rio de Janeiro, v. 1, n. 23, p. 54-62, 1. sem. 2004.

FILLOS, Leoni Malinoski. **A Educação Matemática em Irati (PR)**: memórias e história. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação, UFPR. Curitiba, 2008.

FREITAS, Sonia Maria de. **História Oral**: possibilidades e procedimentos. 2ª ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FRENTINI, Dario; LORENZATO, Sergio. **Investigação em Educação Matemática**: percursos teóricos e Metodológicos. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.- (Coleção formação de Professores)

GATTAZ, A.C. **Lapidando a fala bruta**: a textualização em História Oral. In: MEIHY, J.C.S.B. (org.). (Re)definindo a História Oral no Brasil. São Paulo, Ed. Xamã, 1996. p. 135-40

KLEIN, Madalena. Cultura Surda e Inclusão no Mercado de Trabalho. In: THMA, Adriana da Silva.; LOPES, Maura Corcini. (Org.). **Invenção da Surdez**: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 83-99.

MEIHY, José Carlos Sebe B. e RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. Contexto. São Paulo, 198p, 2011

MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de Surdos**: A Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. O Tradutor Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. **Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos**. 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PERLIN, Gládis T.T. Identidades Surdas. In: SKILAR, Carlos. (Org.). **A Surdez: Um Olhar sobre as Diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51-73.

_____. O Lugar da Cultura Surda. In: THMA, Adriana da Silva.; LOPES, Maura Corcini. (Org.). **A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 73-82.

SANTA CATRINA. Fundação Catarinense de Educação Especial. **Política para educação de Surdos no Estado de Santa Catarina**. São José: FCEE, 2004. 33p.

SKILAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação. In: _____. **A Surdez: Um Olhar sobre as Diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 7-32

SOUZA, Luzia Aparecida de; MARTINS-SALANDIM, Maria Ednéia; GARNICA, Antonio Vicente Marafioti . **História Oral na Educação Matemática: possibilidades**. 2007 Disponível em: <
http://www.sbem.com.br/files/ix_enem/Minicurso/Trabalhos/MC29408629825T.doc >

STUMPF, M. R. SISTEMA SIGNWRITING: por uma escrita funcional para o surdo. In: THMA, Adriana da Silva.; LOPES, Maura Corcini. (Org.). **A Invenção da Surdez: Cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 73-82.

ZUZAK, Markus. **A menina que roubava livros**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007. 500 p.: il.

APÊNDICES

APÊNDICE A – carta de apresentação

Apresentação Inicial

Esta entrevista faz parte de um trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Matemática da UDESC e tem como objetivo relatar situações vividas por alunos surdos, intérpretes de LIBRAS e professores nas aulas de Matemática.

Para isso, usaremos um método de pesquisa que se chama História Oral Temática que consiste em fazer entrevistas com pessoas que vivenciam o tema pesquisado. Assim, o que se busca é a sua EXPERIÊNCIA PESSOAL, a expressão de seu modo de ver, de sentir.

Esta entrevista será gravada em áudio e vídeo. O entrevistado terá liberdade de verificar as textualizações das entrevistas e, eventualmente, alterar passagens e vetar a publicação de textos que julgar inconvenientes. Entretanto, as mídias gravadas ficarão sob a guarda da entrevistadora, constituindo fonte histórica de referência para futuros trabalhos de outros pesquisadores.

O procedimento metodológico a ser adotado com as mídias compreende:

- uma transcrição do que foi dito;
- uma textualização do que foi transcrito;
- a apresentação da forma textualizada ao entrevistado para validação e aprovação;
- assinatura do documento de cessão de direitos dos documentos escritos, pelos responsáveis.

APÊNDICE B – Roteiro da Entrevista do Professor

ENTREVISTA COM O PROFESSOR DE MATEMÁTICA

Sugestão de temas serem abordados

Formação profissional	Políticas inclusivas	Intérprete de LIBRAS
Surdez	LIBRAS	Preconceito
Sua relação com os alunos surdos	Relação entre os alunos surdos	Relações dos alunos surdos com os demais colegas
Aulas de matemática para alunos ouvintes	Aulas de matemática para alunos surdos	Desempenho escolar dos alunos surdos
Leitura e escrita	Compreensão de símbolos matemáticos	Interpretação de problemas
A escola publica daqui a dez anos	Você daqui a dez anos	

APÊNDICE C – Roteiro da Entrevista da Intérprete

ENTREVISTA COM A INTÉRPRETE DE LIBRAS

Sugestão de temas serem abordados

Formação profissional	Motivação	Regulamentação da profissão do intérprete
Surdez	Preconceito	Políticas inclusivas
LIBRAS	Português	Matemática
Desempenho escolar dos alunos surdos	Leitura e escrita	Compreensão de símbolos matemáticos
Interpretação de problemas	Alunos surdos e os Professores	Alunos surdos e funcionários da escola
Relação entre você e os alunos surdos	Relação entre os alunos surdos	Relações dos alunos surdos com os colegas
A escola publica daqui a dez anos	Profissão do intérprete daqui a dez anos	Futuro dos alunos surdos

APÊNDICE D – Roteiro da Entrevista da Aluna

ENTREVISTA COM A INTÉRPRETE DE LIBRAS

Sugestão de temas serem abordados

Surdez	Família	Tempo Livre
Amigos	Escola	Colegas Turma
LIBRAS	Português	Escrita
Intérpretes LIBRAS	Leitura	Matemática
Provas	Professores	Preconceito
Inclusão	Planos Futuros	

APÊNDICE E – Carta de Autorização da Intérprete

CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Kerolin Estefane Moreira, Intérprete Educacional de Língua de Sinais – Língua portuguesa, portador da cédula de identidade nº 083.76770926 pelo presente termo, autorizo [nome do pesquisador] acadêmica do curso de Licenciatura em Matemática, pela Universidade do Estado de Santa Catarina, a publicar no seu trabalho de conclusão de curso os textos das entrevistas realizadas, em conformidade com a legislação vigente, cedendo-lhe, a título gratuito e em caráter definitivo, os direitos de divulgação no referido trabalho exclusivamente para fins educacionais.

Por ser verdade, firmo o presente e dou fé.

Joinville, 09 / 06 / 2013

Kerolin Estefane Moreira
Assinatura do Entrevistado

APÊNDICE F – Carta de Autorização do Professor

CESSÃO DE DIREITOS

Eu, Edson Alves de Araújo, Professor de matemática, portador da cédula de identidade nº 94489 328, pelo presente termo, autorizo [Suzana Heller ~~nome do pesquisador~~] acadêmica do curso de Licenciatura em Matemática, pela Universidade do Estado de Santa Catarina, a publicar no seu trabalho de conclusão de curso os textos das entrevistas realizadas, em conformidade com a legislação vigente, cedendo-lhe, a título gratuito e em caráter definitivo, os direitos de divulgação no referido trabalho exclusivamente para fins educacionais.

Por ser verdade, firmo o presente e dou fé.

Joinville, 09 / 06 / 2013


Assinatura do Entrevistado

APÊNDICE G – Carta de Autorização da Aluna

CESSÃO DE DIREITOS

Eu, AMANDA Caroline de Godoy, estudante, portador da cédula de identidade nº 6177.679....., pelo presente termo, autorizo [nome do pesquisador] acadêmica do curso de Licenciatura em Matemática, pela Universidade do Estado de Santa Catarina, a publicar no seu trabalho de conclusão de curso os textos das entrevistas realizadas, em conformidade com a legislação vigente, cedendo-lhe, a título gratuito e em caráter definitivo, os direitos de divulgação no referido trabalho exclusivamente para fins educacionais.

Por ser verdade, firmo o presente e dou fé.

Joinville, 09 / 06 / 2013

Amanda Caroline de Godoy
Assinatura do Entrevistado